Centenário do Primeiro Doutoramento da U.Porto

1917_2017

Rodrigo Sarmento de Beires

U.PORTO

RODRIGO SARMENTO DE BEIRES

Centenário do Primeiro Doutoramento da Universidade do Porto

Setembro, 2017

Prof. Sarmento de Beires: uma referência perene para o futuro

Sebastião Feyo de Azevedo

Reitor da Universidade do Porto

A memória identitária das instituições repousa, em larga medida, no legado dos seus *primus inter* pares. Neste sentido, a consciência histórica da Universidade do Porto depende muito da sua capacidade para valorizar as figuras que protagonizaram as grandes ideias, conseguimentos e transformações da instituição ao longo do tempo. Não valorizar aqueles que mais contribuíram para a história da Universidade significaria não só desconsiderar o passado da instituição, mas também comprometer o seu presente e hipotecar o seu futuro. As personalidades históricas são fundamentais à compreensão da evolução da Universidade do Porto, condição decisiva para que, a partir de referências passadas, se defina um rumo coerente de desenvolvimento vindouro. Devemos pois celebrar a vida e obra daqueles que nos fizeram grandes, transmitindo os seus exemplos às novas gerações através da ampla difusão dos seus múltiplos feitos.

Nesta visão, creio que a realização deste tributo ao Prof. Rodrigo Sarmento de Beires é um imperativo para uma instituição com a relevância histórica da Universidade do Porto. No mais seleto grupo de personalidades da história da Universidade encontra-se, por méritos inestimáveis, o Prof. Sarmento de Beires, referência maior da docência e da investigação em Matemática, Mecânica e Engenharia Eletrotécnica no nosso país. Foi também um notável vice-reitor da nossa Universidade, para além de ter dirigido superiormente o Centro de Estudos Matemáticos do Porto, em substituição do Prof. Ruy Luís Gomes, e de ter integrado a comissão organizadora da reforma da Faculdade de Ciências (FCUP).

Mas, o Prof. Sarmento de Beires é recordado sobretudo por ter sido o protagonista, há precisamente 100 anos, do primeiro doutoramento da Universidade do Porto. Com uma classificação de 19 valores, a defesa da *Teoria Geral das Cáusticas por Reflexão* em 20 de junho de 1917, na FCUP, foi o auspicioso começo da formação pós-graduada na nossa Universidade. O doutoramento do Prof. Sarmento de Beires é, pois, um marco histórico para o ensino superior português e, claro, para uma universidade que, um século volvido, tem no ensino de 3.º ciclo um dos seus principais indicadores de qualidade e prestígio.

Não fui aluno do Prof. Sarmento de Beires, mas os seus ensinamentos e descobertas fizeram parte da minha formação na Faculdade de Engenharia (FEUP). É importante que esses mesmos ensinamentos e descobertas, bem como o exemplo de vida e de devoção à Academia do Prof. Sarmento de Beires, se mantenham vivos na nossa comunidade académica e continuem a ser um fator de reconhecimento da instituição no exterior.

Resta-me saudar a publicação da presente obra (bem como a exposição que esteve na sua origem) e felicitar, em particular, a responsável pela edição, a Prof.ª Isabel Morujão, da Faculdade de Letras (FLUP), sublinhando a sua dedicação à memória do Prof. Sarmento de Beires. Devemos à Prof.ª Isabel Morujão esta notável compilação de testemunhos que, de forma muitas vezes emotiva, nos ajudam a compreender não só o percurso académico como a personalidade multifacetada do Prof. Sarmento de Beires.

Porto, 22 de agosto de 2017

“Um coração antigo”: pulsações da Universidade do Porto

Isabel Morujão
Comissária da Exposição

Professora Auxiliar da Faculdade de Letras
da Universidade do Porto - CITCEM

O presente volume de testemunhos de antigos alunos do Prof. Doutor Rodrigo Sarmento de Beires (alguns dos quais viriam a ser, mais tarde, seus colegas na U.Porto ou em universidades estrangeiras) constitui um documento incontornável para a reconstituição da memória do que foi (como Professor, investigador, engenheiro, Vice-Reitor, colega e pessoa) o primeiro doutorado da Universidade do Porto.

O campo de amostragem, com vinte e seis testemunhos, não é muito extenso, na medida em que Sarmento de Beires jubilou-se em 1965, isto é, há mais de meio século, e o seu aluno mais novo conta, atualmente, mais de setenta anos. Isto para falarmos apenas da sua última geração de alunos. Conseguiu-se, no entanto, localizar ex-alunos de já avançada idade, dois deles infelizmente falecidos entretanto, já após terem escrito o seu texto, o que muito nos entristece.

Efetivamente, a maioria dos alunos de Rodrigo Sarmento de Beires já não está entre nós. Quanto aos outros, alguns não puderam colaborar por razões de ordem pessoal e/ou de saúde, e de outros perdeu-se o rasto, pelo que, desde logo, queríamos começar por pedir desculpa a quem, eventualmente, não tenha sido contactado. Fica-nos a consciência tranquila de termos envidado todos os esforços e tentativas para uma participação generalizada, embora soubéssemos, desde o início, que se tratava de uma tarefa humanamente impossível.

De facto, reconstituir um percurso académico e de investigação que se iniciou há cem anos não é fácil, pelos motivos óbvios. A dificuldade das instituições portuguesas

em preservarem as suas memórias, a desvalorização das gerações mais novas face a tudo o que perspetivam como papéis velhos a que não atribuem interesse algum (porque não estão em condições de o entenderem), a ligeireza de limpezas e arrumações nos edifícios (para montagem apressada de novas instalações) levada frequentemente a cabo por pessoal pouco qualificado do ponto de vista da sensibilização às fontes documentais, entre muitos outros fatores, está na origem desta dificuldade. A tudo isto acresce a escassez da prática de fotografar há cem anos atrás, a inexistência da técnica da fotocópia para reproduzir e preservar documentos originais (função que o papel químico não supria de todo), o desaparecimento de alguns jornais da cidade, que, infelizmente, não deixaram o seu espólio integralmente preservado (nem mesmo o seu acervo fotográfico). Neste caso, há ainda que referir a agravante de que os exemplares subsistentes, não tendo ainda sido objeto de digitalização, se estão a transformar em papel amarelecido e a desfazer-se, ilegível em muitos casos, com tinta desgastada e a consequente impossibilidade de leitura e/ou utilização para fins de divulgação e reflexão. Finalmente, pesou ainda a impossibilidade de se reconstituir, na sua totalidade, em tempo útil, a complexa rede de relações (sociais, profissionais, familiares, académicas, culturais) que sempre enlaçam o indivíduo aos seus espaços e às instituições.

De qualquer modo, ainda que escassos, estes vinte e seis testemunhos abrangem um leque muito variado de gerações de alunos e cobrem aspetos diversos da vida do Professor Beires: aulas, interação com os alunos, relacionamento com colegas, tomadas de posição no Conselho Escolar em momentos nevrálgicos da vida do país e da

instituição, ação como Engenheiro-Chefe da Central de Massarelos, membro da Academia das Ciências, diretor da Revista *Anais da Faculdade de Ciências*, Vice-Reitor da Universidade do Porto, relacionamento com antigos alunos, coordenação do Centro de Estudos Matemáticos após o afastamento do Prof. Ruy Luís Gomes, etc, etc. Tomámos a liberdade de acrescentar dois testemunhos de professores da U.Porto falecidos já há alguns anos, que, por agulharem com a linha narrativa e memorialista desta publicação e nos parecerem eloquentes na sua apreciação, incluímos nesta antologia: as palavras do Prof. Neves Real no prefácio da publicação do *Livro de Homenagem ao Prof. Doutor R. Sarmento de Beires no seu jubileu* em 1975 e, posteriormente, na proposta que redigiu para que fosse atribuído o nome de Sala Sarmento de Beires a uma sala da Faculdade de Ciências, em 1996. E ainda, muito antes destas, o discurso do Prof. Corrêa de Barros na qualidade de Reitor da Universidade do Porto, na altura da jubilação do Prof. Sarmento de Beires, em 1965. Tratando-se de testemunhos que oscilam ambos entre uma apreciação do antigo professor e do então colega, eles concedem uma espessura particular a todos os textos agora redigidos e aqui reunidos.

O objetivo desta recolha foi tentar cobrir o maior número possível de gerações de alunos, e a metodologia para o fazer, a única que se nos afigurou viável: tomar como base algumas referências que tínhamos como certas e, a partir delas, deixarmo-nos conduzir pelas indicações que as pessoas contactadas davam de outras ou pelo que que conseguíamos apurar na internet (que não deixa de ser útil, mesmo para gerações mais recuadas, porque os filhos de alguns antigos alunos partilham o mesmo apelido

e, às vezes, também o nome próprio dos pais e têm cv online, que nos permitiu que os contactássemos).

Esta recolha não constitui, no entanto, um objetivo em si mesmo e, nesse sentido, ela exige umas palavras de contextualização. A ideia surgiu do desafio que nos impusemos de, através da memória oral (que pedíamos que os próprios alunos passassem a escrito), reconstruir da forma mais próxima possível a personalidade multifacetada do primeiro Doutor da Universidade do Porto, que foi, ao longo de cerca de dois terços da sua vida, uma pessoa intensamente dedicada a esta Universidade, à qual concedeu prestígio nacional e internacional, formando sucessivas levas de profissionais e de investigadores altamente qualificados e capazes. Será, seguramente, uma perspetiva subjetiva aquela que marca cada depoimento. Mas não será a emoção (seja ela qual for) que alguém suscita nos que o conheceram e recordam após tantos anos a forma mais humana – e por isso mesmo mais adequada - de nos aproximarmos de qualquer indivíduo? Os testemunhos, exibindo algumas constantes absolutamente expectáveis, não são todos consensuais em algumas matérias e nisso reside a sua riqueza e a sua verdade. A essência de uma pessoa só pode ser o resultado de olhares cruzados sobre as suas ações e discursos. As análises sobre o passado estão sempre marcadas pelo cunho da passagem do tempo. Ao terem sido solicitados para se recordarem da história vivida no passado da sua relação com o Prof. Sarmento de Beires, muitos destes antigos alunos reinterpretaram hoje momentos da sua vida académica passada e o seu significado ao longo da sua vida profissional e pessoal. Com o tempo, a vida e o caminho percorridos por cada antigo aluno foram reinterpretando

o passado, sem, no entanto, o modificar. Por isso, nesta recolha, alunas e alunos de maior ou menor memória narraram biografias, algumas vezes as próprias, na sua relação com a de Sarmento de Beires. Da ideia de que homem e sociedade são indissociáveis decorre o corolário de que assim o serão Memória, Sociedade e Espaço, uma vez que o homem assimila as experiências vividas, mas também as ouvidas, evocando-as segundo os relatos e experiências de outros, incapaz de distinguir com nitidez as memórias que o Tempo esbate e o Espaço ilude. J.-C. Marcel afirmou que "quando nos lembramos, nunca estamos sós. O que achamos serem as recordações mais pessoais (...) são acontecimentos vividos cuja narrativa e evocação são mantidas e modeladas pelos pais, pela família"[1], neste caso, pela comunidade e contexto académicos. A tese do sociólogo Halbwachs fora ainda mais assertiva, ao sustentar que será mesmo impossível imaginar uma memória estritamente individual e mesmo uma identidade estritamente pessoal, uma vez que a natureza social humana assim o impede: "un homme entièrement seul ne pourrait d'aucune manière se souvenir"[2].

Importa assim referir aqui que, através destes testemunhos, memória individual e memórias coletivas se confundem e se complementam em determinados momentos da experiência de cada antigo aluno. A este propósito, poder-se-á salientar o quanto o primeiro impacto com a cadeira e o Professor de Mecânica Racional foi determinado por memórias já consolidadas e anteriores à experiência vivida. Na totalidade destes testemunhos, é interessante surpreender os passos e os espaços da memória e a forma como o que foi determinante para alguns foi menos relevante para outros. Nesta evocação

[1] Jean-Christophe Marcel (2002). Le Durkheimisme dans l'entre-deux-guerres. Paris : P.U.F., 188.

[2] Maurice Halbwachs (1967). Mémoire collective. 2ª edição. Paris: P.U.F, 141.

de reminiscências e lembranças, o registo vai do fascínio, do apreço, da gratidão, da admiração e do respeito até às dificuldades, desafios, confidências, traumas e questionamentos. De facto, o que uns esqueceram, outros lembraram, o que alguns exercitaram apenas na superfície levou outros a quererem aprofundar e a fazerem História. Assim, em traço geral ou em pormenor, como espontaneidade ou como resultado de um exercício trabalhado de regresso ao passado, com rapidez ou com morosidade, facilmente ou com dificuldade, esta brochura constitui um marco essencial para a História da Universidade do Porto, ao apresentar uma ponderação de sucessivas gerações de alunos da U.Porto relativamente a um professor que, tendo feito parte do primeiro curso de Matemáticas desta Universidade (1911-1915), seria também o seu primeiro doutorado (1917) e um dos professores que aqui exerceu a sua docência ao longo de um dos maiores arcos temporais da História desta instituição: cinquenta anos (1915-1965). Simultaneamente, esboça-se aqui uma história da vida académica na Universidade do Porto e na Faculdade de Ciências. A referência a outros nomes de professores marcantes para os alunos, a explicitação de planos curriculares e de formas de avaliação, a descrição de espaços hoje refigurados e já não dedicados à docência constituiu para nós um conjunto de informações de leitura interessantíssima, em que se cruzam passado, presente e futuro na rede de espaços e tempos, revelando a urgência de se fazer uma História sistemática e consistente da U.Porto.

Em diálogo com estes testemunhos que agora se apresentam, a exposição documental comemorativa constitui uma narrativa que se contrapõe ao efémero, tornando-se

um conjunto organizado de produção de memórias credibilizadas pela evidência e pela remissão entre um e outro plano. Foi muito gratificante encontrar testemunhos que confirmavam e esclareciam alguns papéis encontrados e, também, ser orientada para a procura de validação documental daquilo que os depoimentos enunciavam. Muito há a agradecer à boa vontade, generosidade, empenho, solicitude e adesão de todos quantos aqui escreveram as suas lembranças do Professor Beires e da Universidade, sabendo o quanto tudo isso implica em termos de tempo, de procura de materiais, de disposição pessoal. Todos os contributos foram fundamentais à prossecução deste trabalho e constituíram para mim uma lição e um exemplo de uma cultura de entre-ajuda e de solidariedade que, infelizmente, vai escasseando pelos dias que correm. As conversas pessoais que pude manter com alguns antigos alunos – e que agradeço infinitamente - esclareceram, explicaram, contextualizaram, deram enquadramento ao que, por vezes, me aparecia fragmentado ou sem explicação. Aliás, algumas respostas a questões que uma ou outra destas memórias colocam encontram-se, espero, no acervo documental e nas legendas que o acompanham.

Estão atualmente na crista das grandes prioridades as preocupações com o património, no sentido de pervivência do passado e de necessidade de preservar algo significativo no campo das identidades. Ora, decorridos cem anos sobre as primeiras provas de Doutoramento na Universidade do Porto e volvidos cinquenta e dois anos sobre a última lição desse primeiro doutorado, proferida na Faculdade de Ciências em 26 de maio de 1965, estão temporalmente criadas as condições para se falar de "património" da U.Porto. Estes dois marcos temporais são

razão suficiente para esta brochura de testemunhos e memórias sobre o Professor Rodrigo Sarmento de Beires, que todas as pessoas conheciam na sua época, dentro e fora da Academia e da cidade, fosse por receio ou intimidação perante o seu perfecionismo e a sua enorme exigência, fosse por admiração e respeito pelo seu saber e caráter.

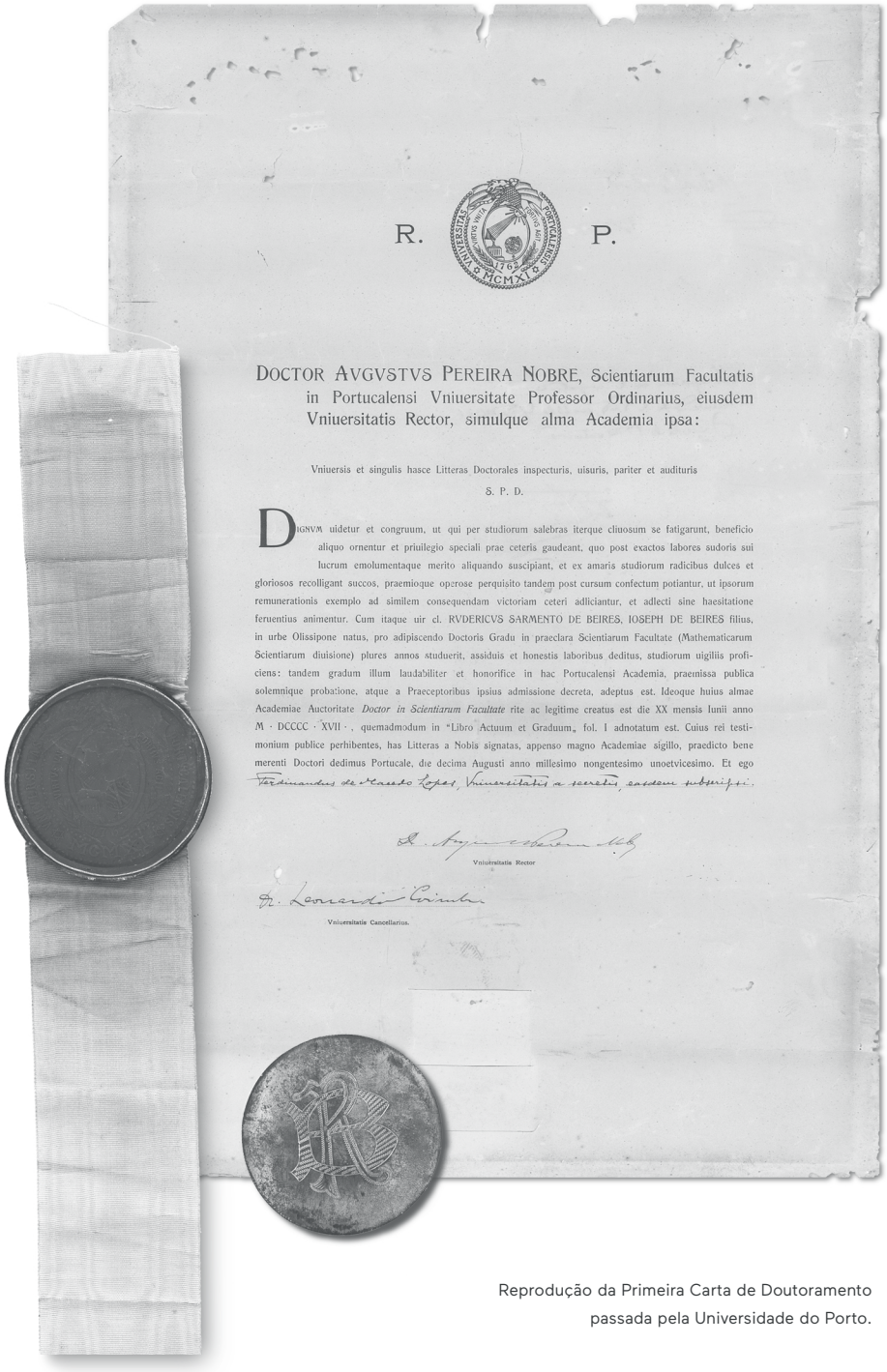
Decorridos cento e seis anos sobre a criação da Universidade do Porto, em 1911, e passados cem anos sobre as primeiras provas de Doutoramento nela realizadas, julgo que seria urgente pensar-se na criação de um Sala-Museu da Universidade do Porto. Há muitos museus que estão na esfera da Universidade do Porto. Não há, contudo, nenhum museu dedicado à História da Universidade do Porto.

Assinalar efemérides é sempre, de algum modo, realizar escolhas e, nesse sentido, tem razão Pierre Nora quando afirma que o património é mais reivindicado do que herdado[3]. E isso é particularmente verdade nos momentos de consciencialização de uma identidade que se torna cada vez mais afirmativa, quando se procura extrair dos vínculos com o passado a força e o impulso para a consolidação do futuro.[4] No caso da Universidade do Porto, que atinge, neste ano de 2017, os cem anos da realização do ato académico que legitima e reforça o sentido da sua criação em 1911, torna-se particularmente urgente reivindicar para a sua história a exposição e a compreensão alargada e documentada do que foi o percurso desse primeiro Doutor. Como afirmou Carmelo Distante em *Tempo e Identidade*, "não existirá um verdadeiro progresso, se o futuro não tiver um 'coração antigo', isto é, se o futuro não se basear na memória do passado".

Porto, 20 de junho de 2017

[3] Pierre Nora (1993). "Entre memória e história: a problemática dos lugares". Revista Projeto História, 10, 1-178.

[4] Cf. E. Bosi (2003). Tempo vivo da memória – Ensaios de Psicologia social. S. Paulo: Ateliê, 16.



R. P.

DOCTOR AVGVSTVS PEREIRA NOBRE, Scientiarum Facultatis in Portucalensi Vniuersitate Professor Ordinarius, eiusdem Vniuersitatis Rector, simulque alma Academia ipsa:

Vniuersis et singulis hasce Litteras Doctorales inspecturis, uisuris, pariter et audituris

S. P. D.

DIGNVM uidetur et congruum, ut qui per studiorum salebras iterque cluosum se fatigarunt, beneficio aliquo ornentur et priuilegio speciali prae ceteris gaudeant, quo post exactos labores sudoris sui lucrum emolumentaque merito aliquando suscipiant, et ex amaris studiorum radicibus dulces et gloriosos recolligant succos, praemioque operose perquisito tandem post cursum confectum potiantur, ut ipsorum remunerationis exemplo ad similem consequendam victoriam ceteri adliciantur, et adlecti sine haesitatione feruentius animentur. Cum itaque uir cl. RVDERICVS SARMENTO DE BEIRES, IOSEPH DE BEIRES filius, in urbe Olissipone natus, pro adipiscendo Doctoris Gradu in praeclara Scientiarum Facultate (Mathematicarum Scientiarum diuisione) plures annos studuerit, assiduis et honestis laboribus deditus, studiorum uigiliis proficiens: tandem gradum illum laudabiliter et honorifice in hac Portucalensi Academia, praemissa publica solemnique probatione, atque a Praeceptoribus ipsius admissione decreta, adeptus est. Ideoque huius almae Academiae Auctoritate *Doctor in Scientiarum Facultate* rite ac legitime creatus est die XX mensis Iunii anno M · DCCCC · XVII · , quemadmodum in "Libro Actuum et Graduum„ fol. I adnotatum est. Cuius rei testimonium publice perhibentes, has Litteras a Nobis signatas, appenso magno Academiae sigillo, praedicto bene merenti Doctori dedimus Portucale, die decima Augusti anno millesimo nongentesimo unoetvicesimo. Et ego Ferdinandus de Vasato Lopes, Vniuersitatis a secretis, easdem subscripsi.

Vniuersitatis Rector

Vniuersitatis Cancellarius.

Reprodução da Primeira Carta de Doutoramento passada pela Universidade do Porto.

TESTEMUNHOS

de antigos alunos do Prof. Doutor Rodrigo Sarmento de Beires

Lisboa, 1895 — Porto, 1975

Uma lenda da Faculdade de Ciências

Maria Helena Pinto Palermo de Faria Amaral

Docente do Departamento de Física da Faculdade de Ciências do Porto
(Aluna de Mecânica Racional no ano de 1962-63)

Quando me perguntaram se estaria disponível para ser contactada para escrever um pequeno texto como aluna do Prof. Sarmento de Beires, disseram-me, em jeito de explicação, que já restavam poucas alunas da Mecânica Racional. Parece natural pensar que isto se deve à minha já provecta idade, mas creio que não será só. E passo a explicar.

Janeiro de 1962. Frio e chuvoso como o Porto sabe ser. Entro na Faculdade de Ciências do Porto, atarantada e mal disposta. Natural do Porto, tinha feito nesta cidade os estudos do secundário, mas tinha iniciado os meus estudos universitários em Lisboa, onde tinham decorrido os meus primeiros dois anos de curso. As contingências da vida tinham-me colocado de novo no Porto, estava eu no terceiro ano do curso de Ciências Físico-Químicas. Estava muito mal disposta, porque se tratava do ano mais difícil do curso, estava a ser transferida a meio do primeiro semestre (e, portanto, perto das famosas frequências) e sobretudo porque tinha deixado em Lisboa muitos amigos. Mas, pensava, iria reencontrar as minhas antigas colegas do secundário. Os dias passavam enquanto eu ia conhecendo os diversos meandros do edifício da Faculdade conforme as minhas aulas, mas não conseguia encontrar ninguém conhecido, até que um dia avistei, para meu alívio, uma das minhas antigas colegas. "Que bom que te encontrei, ainda não tinha visto ninguém", disse-lhe alegremente. A resposta deixou-me siderada: "Só cá venho buscar um papel, estamos todas em Coimbra". "Mas porquê?" "És doida? É o ano da Mecânica Racional!"

Devo dizer que, por essa altura, eu ainda não tinha conseguido encontrar a sala onde o Prof. Sarmento de Beires dava as suas aulas de Mecânica Racional e que, afinal, se situava no que eu julgava ser um mero local de acesso a umas escadas, mas onde havia também uma porta de entrada para um vasto anfiteatro. Identificado o local, consegui entrar um dia a tempo e horas de assistir à minha primeira aula com o Prof. Sarmento de Beires. Pouco amiga das primeiras filas, sentei-me mais ou menos a meio da sala. Uma mão vinda da fila de trás bateu-me nas costas e, quando me virei, um colega disse-me "Tu és a maluquinha que veio transferida para o Porto no terceiro ano?" Note-se como a coisa era falada na Faculdade...

Pois é, a Mecânica Racional do Prof. Beires espantava para Coimbra uma boa parte dos alunos ao chegarem ao seu terceiro ano, e não é, portanto, muito difícil acreditar que, cinquenta anos depois deste episódio, não restem muito alunos seus,

porque na verdade nunca houve tantos quantos deveriam ser.

Dadas as circunstâncias desse ano, eu não fiz a cadeira. No ano seguinte, tendo acompanhado a matéria desde o princípio, eu concluí que nem a cadeira nem o Prof. Beires eram "culpados" pela situação. Ir para Coimbra fazer a Mecânica Racional tinha-se tornado uma lenda na Faculdade e era uma rotina sobre a qual a maioria dos alunos nem se interrogava. O Prof. Beires expunha uma matéria difícil com elegância e clareza, não era rígido na disciplina e as suas aulas eram agradáveis. Naqueles tempos, e sobretudo na Faculdade de Ciências do Porto, por comparação com a de Lisboa que eu tinha conhecido, havia uma distância que se aceitava como natural entre professor e alunos e que permitia a alguns professores exercer um poder discricionário contra o qual os alunos não tinham defesa. Nunca vi qualquer atitude desse género no Prof. Sarmento de Beires, pelo contrário, sempre o vi ser extremamente correto conosco e justo na avaliação. Nos meus anos de estudante, eu tinha uma imagem muito reservada da competência e do desempenho pedagógico de muitos professores, imagem essa que o Prof. Beires, pela sua postura, ajudou a desfazer, sendo talvez o primeiro professor catedrático que se impôs à minha consideração e me obrigou a repensar os meus preconceitos. Não é coisa pouca para a pessoa teimosa e convencida que eu era.

Depois de licenciada e sendo então assistente do Departamento de Física, senti-me por vezes honrada com a sua atenção em conversas que mantivemos, quando o Prof. Beires visitava o departamento em busca dos seus amigos. Não tinha ainda nessa altura a maturidade suficiente para avaliar o quanto lhe tinha ficado a dever, mas hoje sei que o contacto com ele começou a tornar aceitável aos meus olhos uma profissão que até então me parecia destituída de qualquer interesse e a que mais tarde me dediquei. Fico feliz por poder aproveitar esta oportunidade para dizer aquilo que na altura não sabia e, portanto, não poderia ter dito: que dos muitos professores que dão aulas, alguns conseguem ensinar uma matéria, mas só uns poucos conseguem ir mais além e influenciar a mentalidade dos alunos. E o Prof. Sarmento de Beires estava neste último grupo.

Porto, 1 de maio de 2017

Recordando Rodrigo Sarmento de Beires

José Maria Ribeiro Moreira de Araújo

Prof. Catedrático Jubilado da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
(Aluno do Prof. Rodrigo Sarmento de Beires em 1947)

De facto, fui aluno do Prof. Rodrigo Sarmento de Beires: na disciplina de Mecânica Racional, ano 1947.

Doutorado em 1917, professor catedrático em 1927, Sarmento de Beires leccionou muitos anos nas Faculdades de Ciências e de Engenharia da Universidade do Porto.

As aulas de Mecânica Racional eram de uma hora, três vezes por semana. O Professor era um excelente expositor que fazia aparecer fórmulas, desenhos, circunferências e outras linhas, preenchendo quadros da sala que viria a ter o seu nome. Como complemento um matemático assistente propunha problemas práticos a alunos interessados, dispondo no anfiteatro " Luís Woodhouse" do tempo de duas horas, três vezes por semana.

Quando foram afixados os resultados dos alunos inscritos nem queria acreditar que a minha nota era dezanove; e a idade era 19 anos!

Concluída uma licenciatura em Ciências Físico-Químicas, fui assistente de Física e até aluno do curso de Engenharia Electrotécnica; mas não voltei a ser aluno do Professor Sarmento de Beires...

Sabendo-me depois na Universidade de Manchester, logo me pediu (1955) indicações sobre livros aí adoptados. Anos depois (1959) , em Copenhague, recebo extensas cartas sobre actualização de planos de estudo, a que sempre respondi. E com o passar do tempo, de doutoramentos, concursos e convites, acabo por ser Professor Catedrático de Física, em 1960; com vísivel alegria de alguns. Ser professor catedrático, entre nós, incluía pertencer ao Conselho Escolar, tal como Sarmento de Beires desde 1927. Com sentido de humor diziam-me que passara de aluno a " colega "

Entretanto o novo Reitor, Manuel Correia de Barros, escolhe Sarmento de Beires para seu Vice-Reitor, lugar que ocupa desde 1961 até à implacável jubilação (16 de Junho de 1965).

Em 1960 Sarmento de Beires teve conhecimento de uma reunião da OCDE "Mathématiques pour Physiciens et Ingénieurs " em Paris, de 14 a 17 de Fevereiro. Convence-me facilmente que também devo ir e revela-me que irá de comboio. Concordo com o programa e, após consultas , a minha Mulher decide também ir. Ir e voltar a Paris, por este meio, demora muitas horas e permite conversas sobre muitos temas. Um tema inevitável foi, por certo, a futura acção do Vice-Reitor. Falamos de uns poucos problemas que eu conhecia e, principalmente, de várias questões pendentes. De facto, um caso frequentemente citado foi a instalação de um Microscópio Electrónico, que se vinha arrastando. A atenção dada pelo Vice-Reitor não foi esquecida. Quando o Departamento de Matemática Pura decidiu descerrar, pelo seu Presidente, um retrato do Prof. Sarmento de Beires (em 21 de Junho de 1996), alguns investigadores presentes recordaram a acção empenhada e bem sucedida do Vice-Reitor.

Quando a família mudou para a Avenida da Boavista em 1966, havia que conhecer alguns vizinhos e, mais tarde, receber os "velhos" amigos. Sem o sabermos, o Eng.º António Sarmento de Beires, seu filho e meu antigo colega de Faculdade, era um vizinho próximo e o seu Pai, em breve, nos bateu à porta. A partir daí recebemos com prazer o nosso Amigo, sempre que pudesse e quisesse conversar. Além disso, falava com os três jovens filhos, particularmente com a mais nova, "especialista" em chocolates.

Este processo durou quase dez anos. Ainda em Janeiro de 1975 o Prof. Sarmento de Beires nos deixou três separatas autografadas. E os filhos recordam o encontro daquele Senhor que tão bem os compreendia.

Porto, 3 de fevereiro de 2017

Impressões sobre Rodrigo Sarmento de Beires

Gonçalo Areia

(Aluno do Professor Sarmento de Beires em 1959/60)
Licenciado em Ciências Matemáticas em 1962 e em Engenharia Eletrotécnica em 1974
Ex Administrador da RTP
Ex Vice-Presidente da Fundação Portuguesa das Comunicações
Engenheiro de Telecomunicações

O Professor Beires foi um brilhante académico e um senhor de grande elegância, nos modos e no trajar, o que constratava com o seu eterno Assistente, doutor Miranda, igualmente brilhante, mas de aspeto sombrio e com vestes pouco cuidadas, do chapéu até aos sapatos.

A elegância do Professor Beires também se evidenciava no modo como ministrava as suas aulas, com um discurso claro e bem estruturado, sempre apoiado em desenhos, gráficos e cálculos que ia paulatinamente desenvolvendo no enorme quadro de ardósia, que começava a ser preenchido com giz colorido, desde o canto superior esquerdo e chegava ao canto inferior direito exatamente no final de cada aula parecia um painel multicolor da autoria de um artista gráfico consagrado... Se naquela altura já houvesse telemóveis, não tenho dúvidas de que os alunos fotografariam o quadro preto no fim de cada aula. O perigo destas aulas era tudo parecer tão claro e perceptível, que os alunos ficavam com a sensação de que estava tudo percebido e absorvido... Mas não era bem assim, pois a exigência dos exames era tal, que o número de reprovados era bem maior do que o dos aprovados... Daí o grande êxodo para Coimbra no terceiro ano da Faculdade de Ciências. Bem dizia o Doutor Miranda, nas aulas de Cálculo das Probabilidades, que uma probabilidade perto de zero era passar à primeira a Mecânica Racional... Ele, que era o assistente desta cadeira...

Era realmente difícil a Cadeira de Mecânica Racional... Ainda hoje recordo aquela colega, já quarentona, que no ano em que foi minha colega nesta Cadeira completou a sua décima sexta matrícula, o que provocou em mim uma enorme dúvida ... A senhora tinha uma enorme falta de jeito para questões mecânicas ou tinha uma paixão escondida pelo Professor Beires ?

Para finalizar, refiro uma piada da minha época: acabar o curso de Matemáticas na U.Porto, com média de 18 valores era muito difícil, mas humanamente possível; acabar com 20 só Deus, pelo que com 19 tinha de ser Padre... Foi o Padre Gil Vicente Pelayo de Sousa Henriques.

Lisboa, 29 de setembro de 2016

Palavras proferidas pelo Reitor Prof. Corrêa de Barros quando da última lição do Prof. Sarmento de Beires

Manuel Corrêa de Barros

Engenheiro Civil (1929) e Electrotécnico (1933) da Universidade do Porto
(Reitor da Universidade do Porto entre 1961 e 1969)

(...) O Sr. Doutor Beires foi sempre um grande educador. Educou acima de tudo pelo exemplo, que é a forma mais eficaz. (...) Depois prestigiou o país e a Universidade que o tinha formado, na escola estrangeira onde fez o seu curso de Engenharia; e eu, a esse tempo estudante, posso testemunhar quanto a notícia dos seus triunfos representava para nós, alunos da Faculdade que o tinha preparado. Quanto valeu também a sua ação, e a dos que se lhe juntaram nesse esforço, para prestigiar os trabalhos práticos na sua Faculdade, e lhes dar uma feição realmente eficiente!

Mas o Sr. Doutor Beires educou também mostrando a cada aluno que não via nele só uma unidade do curso, mas uma pessoa, com os seus problemas e os seus interesses próprios. (...) Depois de formados, seguia as suas carreiras, interessava-se por eles, nunca os esquecia (...).

O resultado temo-lo diante de nós. O Sr. Doutor Beires foi sempre exigente, e nunca ocultou as suas crenças. Pois ninguém, talvez, contará tantos amigos entre os seus antigos alunos; e nesta sala reuniram-se pessoas de todas as tendências, pensem ou não como ele em todos os pontos, unidas no propósito de testemunhar que muito do seu caráter o ficaram devendo ao Sr. Doutor Beires.

Pela Faculdade de Engenharia, devo ao Sr. Doutor Beires uma palavra de gratidão. É sabido que, num momento particularmente difícil da vida da Faculdade, ele fez o favor de nela reger uma cadeira em que só ele poderia dar aos alunos a formação necessária – e até outras cadeiras

de menor responsabilidade, mas cuja regência era difícil assegurar (...).

Eu, pessoalmente, não tenho palavras com que agradeça quanto lhe devo. Foi meu professor no Liceu – faz 47 anos! –; depois meu assistente na Faculdade de Ciências, meu superior nessa escola de engenheiros que era a Central de Massarelos, meu mestre e amigo de sempre. Posso dizer que, excepto meus Pais, não vejo ninguém a quem ficasse a dever tanto.

Por fim, *last but not least*, devo uma referência à sua ação como vice-reitor; e – repito o que já disse quando tomei posse do cargo em que me encontro – se a nossa posição relativa é esta, deve-se isso unicamente a que o Sr. Doutor Beires o desejou. Não é possível maior dedicação, maior lealdade; e não esqueço a sua palavra de incitamento nos momentos de desânimo, sem a qual não sei como possa passar[5].

[5] AA.VV. (1975). Homenagem ao Professor Doutor R. Sarmento de Beires no seu jubileu. Porto: Universidade do Porto, XI-XIII.

No centenário do doutoramento do Prof. Doutor Rodrigo Sarmento de Beires

Ângelo Carlos Lopes Mont´Alverne Brou

Engenheiro Químico Industrial – 1963

Eu fiz a Mecânica Racional com o Prof. Beires!

Foi em Outubro de 1961. Devia ter sido em 1960, mas estive retido em casa durante seis meses por doença. Só me deslocava à Faculdade de Ciências para as frequências e exames. Dadas as circunstâncias, tive que estabelecer prioridades e deixei a Mecânica para o ano seguinte. Assim e com a ajuda de alguns colegas (entre eles a que viria a ser minha companheira durante quarenta e oito anos), consegui passar para o 4º ano de Engenharia Químico – Industrial.

O Prof. Beires correspondia plenamente ao que eu considerava um professor universitário. Grande personalidade que conseguia manter um enorme respeito. Uma mente brilhante, que expunha a matéria com elegância e fluência. O problema era, para mim, acompanhá-lo no raciocínio rápido. A preocupação era tomar nota do que metodicamente era escrito de forma percetível no quadro negro. Era difícil interromper a exposição, tal era a fluência. Por vezes, interrompia para dialogar com o aluno Padre Gil, outra mente brilhante, mas algo presunçoso. Mas o diálogo, em vez de ser esclarecedor, tornava mais duro perceber o que se passava. Para o Gil era tudo muito fácil, como ele dizia, quando, depois da aula, lhe pedia que me esclarecesse.

Para além da qualidade didática, apreciei a excelência no tratamento dos alunos. Também a elegância no trajar clássico era notável. Só ultrapassado, na Faculdade de Ciências, pelo Prof. Pires de Carvalho (Física Geral) e, noutro estilo, pelo Prof. Guedes de Carvalho (Indústrias Químicas I e II), na Faculdade de Engenharia.

Na primeira aula, em Outubro de 1960, lembro-me de ter posto em questão a bibliografia recomendada ser em alemão. Retorquiu que estávamos em boa idade para aprender alemão, já que ele tinha aprendido aos quarenta e cinco! Fi-lo mais tarde, no Instituto Goethe que funcionava na Faculdade de Engenharia, mas não a tempo para fazer a cadeira sem a dificuldade que experimentei.

Após a prova escrita começada às 8h e terminada cerca das 14h (o Prof. Manuel Miranda ainda me perguntou se não queria continuar!), eu já não sabia onde estava e eram só três questões. Depois de almoçar fui ao Teatro São João ver "Quimera de Ouro", nada mais adequado, com o Benjamim Santos, companheiro de estudo.

Como o número de alunos a submeterem-se a esta epopeia era escasso, havia três orais por dia. O Prof. Beires, simpaticamente, permitia que fossem os examinados a escolher o dia. O meu grupo teve que chegar a acordo com a minoria, dado que um colega só tinha uma data possível. O desejo da maioria era atirar a oral para mais tarde, mas teve que aceitar "a proposta". Curiosamente, no dia aprazado, o colega minoritário não apareceu!

Chegou o dia. Outubro de 1961. Decididamente o mais duro da minha vida de estudante. Fui o primeiro a entrar na sala de exame, onde terei estado cerca de três longas horas. Só me recordo do convite do Prof. Beires para falar dos "Pequenos Movimentos". E eu, que não tinha estudado com profundidade o tema, atrevi-me a confessá-lo, justificando que era matéria para os muito bons alunos. Pois o Prof. Beires disse que, com o meu 14 na escrita, tinha obrigação de responder. O que fiz o melhor possível, mas, com as observações que eram feitas, não foi grande coisa. Nada mais me ficou na memória, para além de um ou dois convites para considerar a prova terminada, que não aceitei. Mas a certa altura a prova foi terminada. Fui acompanhado na longa espera do resultado pelo Benjamim Santos, que fez a oral noutro dia mais tarde, e pelo Belmiro de Azevedo, meu colega no 4º ano e que tinha feito a cadeira em Lisboa, aproveitando o cumprimento da obrigação militar.

O Benjamim ficou junto à porta para saber o resultado e o Belmiro acompanhou-me todo o tempo a deambular pelo longo corredor. Grande camaradagem que jamais esquecerei. Quando saiu a nota, o Benjamim desatou a correr e apanhou-nos junto ao gabinete do Sr. Coelho. Grande festa! Ainda hoje considero que o Prof. Manuel Miranda (assistente e membro do júri) teve influência na nota que alcancei: 11 valores. Valeu-me passar para o 5º ano.

Será que o Prof. Beires nunca se perguntou por que razão o número de alunos era tão reduzido? Considero que é dever de um professor procurar atrair mais alunos sem necessariamente reduzir os conteúdos do saber a transmitir. Muitos tiveram que ir até Coimbra e outros andaram um ano só com Mecânica Racional. Grande transtorno. E eram bons alunos. Nunca me pareceu que, profissionalmente, os que foram fazer a cadeira a Coimbra ou Lisboa fossem inferiores aos do Porto. Mas imperava o medo face à fama do cadeirão!

Porto, 17 de fevereiro de 2017

Recordações do Prof. Doutor Rodrigo Sarmento de Beires

António Rodrigues de Carvalho

Engenheiro do Curso de Engenharia Electrotécnica, na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto - 1944/1945 - 1949/1950

Tive o prazer e a honra de ter sido seu aluno no último ano do Curso de Engenharia Electrotécnica (1950), na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, ainda na Rua dos Bragas, onde regia a cadeira de Electricidade Aplicada (correntes fortes).

Foi um notável Professor, grande matemático, homem sério e íntegro, pai exemplar e católico praticante.

Licenciou-se e doutorou-se em Matemáticas na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Antes, no Colégio Militar e, mais tarde, na Universidade de Liège (Bélgica) conseguiu brilhantes classificações, entre 18 e 20 valores.

Foi Professor Catedrático de Mecânica Racional na Faculdade de Ciências, exercendo com alta competência e exigência essas funções toda a vida, acumulando mais tarde com a regência da cadeira de Electricidade Aplicada (correntes fortes), cadeira com que terminei o meu curso, em 8 de Novembro de 1950, quando ainda não tinha 24 anos.

O Professor Beires foi aluno do grande matemático Gomes Teixeira e teve como colegas ou discípulos nomes como Ruy Luís Gomes, Correia de Barros, Neves Real, José Morgado, António Ricca, etc. Em conversa tida com ele, confessou-me que, no 1.º ano de regência de Mecânica Racional, tinha tido como aluno o Prof. Abílio Aires, que fora um aluno brilhante.

Nos últimos anos veio morar para a Rua Eng.º Carlos Amarante, n.º 49, na casa em frente à minha. Em alguns Domingos, à tarde, batia à nossa porta para conversarmos. Era um exímio conversador e tinha grande simpatia para com a minha família.

Contou-nos muitos episódios da sua vida, pois tinha uma memória notável. Porém, fiquei convencido de que sempre supôs eu ter frequentado a Mecânica Racional do Porto, e eu não quis dar-lhe um desgosto, desdizendo essa suposição. A minha

"fuga" para Coimbra, destino generalizado dos alunos do 3.º ano dos Preparatórios de Engenharia do Porto para frequentarem aquela cadeira com o Prof. Diogo Pacheco d'Amorim, ocorreu naquele ano.

A propósito desta debandada, conta-se que um dia, em conversa entre os dois professores, o Prof. Beires lamentou que tantos alunos fossem para Coimbra, quando, afinal, os que ficavam no Porto eram alunos inteligentes e as reprovações se contavam com os dedos de uma mão! Resposta do Prof. Pacheco d'Amorim: "Pois é, os alunos inteligentes ficam no Porto, mas os espertos vão a Coimbra fazer a cadeira comigo!".

Finalmente, vou contar um caso pessoal, revelador do seu humanismo e da sua bondade. Apresentei-me a prova oral do exame final do meu curso (esse exame durava, normalmente, entre 1 a 2 horas) e tinha feito uma semana antes o exame oral de Correntes Fracas com o Prof. Correia de Barros, tendo, entretanto, contraído uma gripe.

Por todas as razões mais esta, não seria de estranhar o meu aspecto: é que naquele exame estava concentrada toda a responsabilidade de terminar um curso em que nunca tivera perdido qualquer ano! Apercebendo-se do meu estado perturbado, não quis iniciar o interrogatório, à espera que eu regressasse à normalidade, e disse-me, finalmente, após uma conversa informal de vários minutos: "Vamos agora começar o exame?".

Ao fim de hora e meia em que três temas me tinham sido propostos para desenvolver, obtive a ansiada aprovação.

Nunca esquecerei esta atitude de verdadeira bondade e humanismo. Deus o terá recompensado!

Porto, 21 de setembro de 2016

Professor Sarmento de Beires, uma personalidade inesquecível

Ismael Cavaco

Engenheiro Mecânico pela Universidade do Porto em 1965

Apesar dos muitos anos que passaram desde o tempo em que o Prof. Sarmento de Beires foi meu professor (1960/61/62) mantém-se inteiramente presente na minha memória a sua personalidade excepcional, a nobreza da sua estatura moral, a distinção da sua figura, a erudição das suas aulas ... E as aulas, apesar das muitas a que faltei, constituem a imagem mais marcante que tenho do Prof. Beires. Ao longo duma aula teórica, o quadro negro (eram dois quadros lado a lado) era preenchido dum lado ao outro e de alto a baixo com a sequência de expressões e anotações que progressivamente descreviam os assuntos em exposição e tal era a fluência e elegância do encadeamento, que tudo parecia simples e óbvio ... De facto, viríamos a constatar que não era bem assim, algumas das tais passagens que pareciam tão evidentes e quase inevitáveis ao longo da exposição, davam um certo (ou muito) trabalho até ficarem compreendidas. Mas cada aula do Prof. Beires era uma revelação de rigor escrito e oral, a que se juntava uma elegância muito própria de figura e gesto, de que resultava um quadro de singular harmonia estética.

Devia ter começado por dizer que só fiz a Mecânica Racional à segunda tentativa, pois no primeiro ano de inscrição, quando me apercebi do volume e dificuldade da matéria – isto por volta de Janeiro, quando (em conjunto com o meu grupo de convívio mais íntimo) começávamos a estudar para a primeira frequência – me apercebi da total impossibilidade de poder vir a ter qualquer sucesso. De facto, a Mecânica Racional era para estudar desde o primeiro dia de aulas ...

Mas retomando as aulas ... a aula do Prof. Beires era um tipo de aula magistral, que hoje provavelmente estaria fora de moda, face à múltipla emergência de novos padrões de ensino/aprendizagem que, creio, não são, na generalidade, muito afectos a este tipo de aula. Mas a verdade é que este tipo de aula, com a superior qualidade que o Prof. Beires lhe imprimia, é duma importância muito grande no processo de formação dos estudantes. Para além do valor científico dos conteúdos, cada aula era um exemplo de rigor e de clareza de comunicação e também de como, a partir da formulação dos conceitos básicos

relativos a um dado tema, se estrutura o desenvolvimento fundamentado e compreensivo da procura do seu conhecimento. A influência desta plenitude de espírito nos alunos, que lentamente neles ia ganhando raízes e gradualmente ia germinando e se ia desenvolvendo no decurso da disciplina de Mecânica Racional, é um valor essencial à formação do carácter de rigor, à capacidade de abordagem e resolução fundamentada de novas questões e ao exercício bem sucedido duma actividade profissional. Penso, aliás, que a difusão e propagação deste tipo de postura contribui, na generalidade, para um quadro de maior rigor, clareza e verdade na comunicação no seio dos grupos, das organizações e na própria sociedade. Pena é que, quando observamos e analisamos o comportamento de alguns grupos dominantes da sociedade de hoje, incluindo a comunicação social, fique a ideia de que se vem percorrendo o caminho inverso...

Muito será dito e escrito sobre a personalidade do Prof. Beires e suas várias vertentes no contexto da efeméride em comemoração. Escolhi o ambiente de aula e o que dele mais me marcou e mais contribuiu para a minha formação, porque a aula é o palco efectivo da relação mais próxima e mais directa entre professor e aluno, onde, por excelência, tem lugar a verdade sobre a transmissão do conhecimento e dos valores afectos à formação, onde se opera a exposição mais visível e mais crítica da personalidade do mestre.

Em jeito de fim destas notas gostaria de dizer que, se algumas poucas palavras me fossem pedidas para caracterizar o Prof. Sarmento de Beires, as que, a esse propósito, surgem na minha memória, são: estatura moral, rigor, elegância.

Porto, 3 de maio de 2017

Relembrando o Professor Rodrigo Sarmento de Beires

Manuel Arala Chaves

Prof. Catedrático Jubilado da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

Em que ocasião ouvi falar pela primeira vez do Professor Sarmento de Beires? Não consigo localizar exactamente no tempo, mas recordo-me do respeito e amizade que transpareciam da forma como Luís Neves Real dele me falava quando, após um período em que por razões de saúde tive de sair do Liceu e interromper os estudos, ele me deu em minha casa aulas de Matemática do antigo quinto ano. Neves Real, que foi determinante na minha escolha do curso que acabei por seguir e me marcou também profundamente pela dimensão humana da sua personalidade, tinha sido assistente do Professor Beires nos anos trinta e quarenta, mas cessara a sua ligação com a Faculdade de Ciências e depois também com o Centro de Estudos Matemáticos do Porto (CEMP) quando o Professor Ruy Luís Gomes foi afastado por razões políticas em 1947. Aliás, aquando do afastamento deste professor, foi precisamente o Professor Sarmento de Beires que tomou a iniciativa de levar ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências uma moção de repúdio por tal acto. Mas o contacto de Neves Real com o Professor Beires não se cingiu ao curto período em que foi seu assistente, antes pelo contrário manteve-se sempre sob a forma de uma relação de amizade e proximidade muito apreciada por ambos, conforme pude testemunhar dos dois lados.

Fui pela primeira vez aluno do Professor Beires no meu terceiro ano de licenciatura, na disciplina de Mecânica Racional, que tinha uma certa fama de exigência, o que fazia com que alguns alunos "emigrassem" durante o terceiro ano para outra Universidade onde alegadamente a disciplina com o mesmo nome seria consideravelmente mais fácil. Mas já antes da frequência dessa

disciplina beneficiara indirectamente da presença do Professor Beires. É que ele assumira durante o ano de 1956 a Direcção do Centro de Estudos Matemáticos do Porto, dependente do Instituto de Alta Cultura (IAC), e pude beneficiar, logo no meu primeiro ano (1955/56) e no seguinte, de acções extracurriculares de algum modo ligadas a esse Centro, que me proporcionaram uma visão mais ampla da Matemática do que a que a estrutura do curso então ministrado permitia. Refiro-me: i) a um seminário sobre o lema de Zorn e a boa-ordenação, organizado no meu primeiro ano sob a orientação de Andrade Guimarães, e em que participei activamente com duas outras colegas do terceiro e do quarto anos, e com uma recém-licenciada; e ii) ao curso do Prof. Sebastião e Silva sobre Teoria das Distribuições, a que assisti durante o meu segundo ano e cuja realização se deveu ao empenhado esforço do Professor Beires na sua qualidade (recente) de Director do CEMP.

Quanto à disciplina de Mecânica Racional, recordo o interesse que tive por ela e o quanto me empenhei na sua preparação, debruçando-me sobre um elevado número de problemas, mas confesso que foi com alguma surpresa que encarei a sugestão que a certa altura me foi feita de que submetesse um pequeno artigo à *Gazeta de Matemática* contendo essencialmente uma construção geométrica que eu imaginara para resolver um desses problemas.

No meu quarto (e último) ano da licenciatura, fui novamente aluno do Professor Beires, desta vez na disciplina de Física Matemática. Nesse ano, o Professor Beires

[6] A estrutura da "Licenciatura em Ciências Matemáticas" tinha nessa altura aspectos verdadeiramente anacrónicos, por exemplo a existência de três disciplinas de Desenho! Duas eram anuais e uma (Desenho Topográfico) era semestral, no quarto ano. E a actividade de que me recordo nesta última era a de uma cópia que se tinha de fazer durante a aula, de um quadrado com 10cm de lado, de uma zona à escolha num mapa do Instituto Geográfico, para uma folha em branco...

incluiu no curso, creio que pela primeira vez, um capítulo sobre Relatividade Restrita, o que representava, no quadro das matérias então leccionadas, uma verdadeira lufada de ar fresco... sobretudo se comparada com o que nós, alunos, tínhamos de fazer em algumas das outras disciplinas do mesmo ano.[6] E julgo que representou para o Professor Beires um trabalho de preparação do tópico, tanto mais significativo quanto coexistia com uma actividade profissional intensa, que ele mantinha fora da Universidade. Mas, para mim, esta disciplina do quarto ano teve ainda outro aspecto verdadeiramente marcante: o Professor Beires convidou-me a preparar e conduzir, integrado no quadro da disciplina, um seminário a cujas sessões sempre assistiu. Não tenho já presente se ele me indicou o tema (teoria geral da medida) ou se fui eu que o submeti à consideração dele. Recordo, sim, que foi esse o tema desenvolvido e recordo-me também da principal referência bibliográfica utilizada: o livro *Linear Analysis* (Zaanen), que o enquadrava num plano mais abstracto do que aquele em que se coloca habitualmente a teoria da medida de Lebesgue em R^n. Para mim foi extremamente enriquecedor, pois tratava-se na época de um tema totalmente ausente dos programas, além de que, como é sabido, preparar adequadamente um seminário leva em geral a um conhecimento mais profundo do assunto versado do que participar nesse seminário.[7]

Durante esse ano (1959) passou no Porto o Prof. Lichnerowicz, do Collège de France, vindo a convite do Professor Beires, que teve a amabilidade de me proporcionar um contacto com ele, sabedor de que eu admitia fazer um estágio em França após a conclusão da licenciatura.

[7] Durante anos pensei ter sido eu o único real beneficiário do seminário que conduzira. Mas muito mais tarde, um participante, Fernando Ferreira Pereira, recordava-me esse seminário numa carta, como tendo sido marcante para ele e usava, salvo erro, "empolgante" como adjectivo. Cito o episódio, por pensar várias vezes nele, quando algum esforço feito por mim na comunicação de ideias matemáticas me deixa dúvidas sobre qual terá sido o seu efectivo alcance...

No mesmo sentido, foi-me sugerido visitar o Professor Sebastião e Silva, que me recebeu na sua casa do Areeiro e me deu alguns conselhos e informações.

Finalmente, acabei por pedir à Fundação Gulbenkian uma bolsa e contei naturalmente com uma carta de recomendação do Professor Beires. A bolsa foi-me concedida, mas só muito mais tarde vim a saber que, para a concessão da bolsa ter tido lugar logo após a conclusão da minha licenciatura, tinham sido determinantes uma segunda intervenção da parte do Professor Beires junto da Fundação, e os termos em que nela se exprimira a meu respeito.

Impõe-se que explique a razão por que entrei nestes detalhes. O que quero aqui pôr em relevo é que o facto de o Prof. Sarmento de Beires se ter tornado Director do CEMP representou uma mudança significativa relativamente à "normalidade" vigente na altura, "instalada" desde o afastamento compulsivo a que me refiro no início deste depoimento. Durante muitos anos não foi estimulada a realização de estágios fora do país, junto de centros prestigiados de matemática e, se fui eu o primeiro a quebrar essa "normalidade", o mérito não foi meu, mas sim do Prof. Beires e do empenho com que desempenhou as suas funções na direcção do CEMP. Aliás, pouco tempo depois (dois anos, salvo erro), o Professor Beires viria a apoiar, pelo menos com o mesmo empenho que a mim, a saída do meu colega Gil Henriques para a Alemanha, a fim de trabalhar com o Professor G. Köthe, sob cuja orientação acabaria por se doutorar. Segundo a versão que Andrade Guimarães me deu e que não estou em condições de poder independentemente confirmar ou desmentir, naquele período anterior, da tal "normalidade" a que me

refiro acima, também terão existido oportunidades de bolsa, mas elas não eram divulgadas – "ficavam na gaveta", para empregar a expressão que ele usou. Isto, por alegadamente o responsável nos anos anteriores (desde 1952) entender que para trabalhar em matemática bastava dispor de sossego, papel e lápis... O certo é que, durante esse período anterior, não tinham sido valorizadas visitas de matemáticos nem qualquer forma de intercâmbio. É, pois, importante ter em conta o enquadramento temporal das acções que o Professor Beires encorajou, sob pena de o verdadeiro alcance dessas acções não poder ser devidamente apreciado. Aliás, ainda me recordo muito bem de, no início da minha licenciatura, pensar com frequência como muitas coisas seriam diferentes no meu curso, se tivesse sido dada continuidade ao grupo de jovens promissores do início dos anos 40, quando o Prof. Ruy Luís Gomes criou o CEMP, grupo de que eu conhecia razoavelmente, por intermédio de Neves Real, a vitalidade e o clima de trabalho, e que foi inteiramente disperso em 1947.

A minha bolsa em Paris teve início em Outubro de 1959 e, durante a minha estadia lá, o Professor Beires pediu-me por diversas vezes para recolher elementos sobre os programas de alguns dos cursos que lá tinham lugar, sobre a bibliografia utilizada e sobre as notas de curso disponibilizadas aos estudantes. E recordo-me de ter adquirido a seu pedido publicações para o Centro, que depois enviava pelo correio ou levava para Portugal[8]. Mostrou também interesse em acompanhar a evolução do meu trabalho, quer directamente junto de Henri Cartan e Jean Cerf, quer, no início, por intermédio de Lichnerowicz, que

[8] Curiosamente, eu viria a fazer algo de análogo no final da minha estadia em Paris, a pedido do Prof. Ruy Gomes, tendo adquirido e enviado para o Recife variados textos de cursos e de seminários. Estes detalhes dão uma ideia de como se passava a transmissão de informação nesta época já longínqua, ainda sem Internet, PDFs e emails...

ele conhecera pessoalmente durante a já mencionada visita ao Porto.

A "última lição", proferida em 1965 num salão nobre do edifício da então Faculdade de Ciências inteiramente repleto, constituiu uma impressionante manifestação de consideração pelo homenageado, mas não representou, felizmente, o termo da sua actividade universitária, em particular da sua Direcção do CEMP. Acertou inteiramente o Prof Ruy Gomes, ao afirmar, numa expressiva carta que então lhe enviou do Recife, ter "*... a certeza de que o Professor Sarmento de Beires não considera este dia como o encerrar de uma carreira, mas sim como o ponto de partida para uma luta apaixonada, absorvente, pelos grandes problemas do ensino e da investigação Matemática da Universidade do Porto...*". Não só mostrou um empenho tenaz em continuar a apoiar iniciativas muito diversificadas dentro do CEMP, como continuou a prestar colaboração à Universidade, participando activamente em júris de provas académicas e concursos para professores. Por exemplo, fez parte do júri do concurso em que acedi a professor extraordinário, cujas provas decorreram em Abril de 1969, tendo proposto um tema para uma das duas lições que os candidatos tinham de proferir[9]: *Espaços vectoriais topológicos (1ª lição)*. E foi também ele um dos dois arguentes do meu currículo nesse concurso, o outro tendo sido o Professor Sebastião e Silva.

Mas voltando ao seu papel à frente do CEMP, é importante referir que o encorajamento do intercâmbio não teve lugar apenas no sentido da ida de bolseiros para o estrangeiro: por exemplo, em Março de 1967, o Professor Jean Cerf, a convite do CEMP, passou cerca de um mês no Porto, onde, para além de trabalhar comigo, fez uma série de lições sobre *Variedades Diferenciáveis – teoria de Smale*. E, no sentido de tentar aumentar o aproveitamento e o alcance dessas lições, tinha havido previamente um pequeno seminário introdutório, que eu levara a cabo com as pessoas interessadas, sobre vários tópicos (incluindo topologia C^r, teoremas de Sard e de Morse, definições dos grupos de homotopia. Outras visitas foram organizadas mais tarde, igualmente precedidas de seminários preparatórios que permitissem um maior aproveitamento.

[9] Talvez faça sentido referir como era a parte não curricular dessas provas: uma prova prática e duas lições. A prova prática consistia num documento a escrever perante um membro do júri, sem diálogo, sobre um tema tirado à sorte um dia antes, de uma lista de 20 temas variadíssimos, lista essa conhecida com 10 dias de antecedência. Logo a seguir à prova prática era conhecida a lista de outros 20 temas igualmente variados, dos quais passados 20 dias, era tirado um primeiro à sorte para a primeira lição a realizar dois dias depois e, logo a seguir a esta, outro tema da lista para a segunda lição, a realizar igualmente passados dois dias. Só depois tinha lugar a discussão do currículo

Até 1970, as dotações do IAC para o CEMP eram concedidas ao Centro e todas as comunicações passavam pelo Professor Beires, na sua qualidade de Director do Centro. Mas no fim desse ano foram criadas pelo IAC, dentro de cada Centro, "Linhas" correspondentes a áreas diferentes, tendo cada uma o seu responsável, que comunicava directamente com o IAC. Apesar de eu ter ficado responsável por uma dessas Linhas, pus sempre o Professor Beires ao corrente do que se passava e mantivemos uma estreita colaboração. Mas, no seu conjunto, esta descentralização representou de algum modo uma diminuição da influência real do Director do Centro, em benefício de uma maior autonomia dos responsáveis pelas Linhas, sendo, por vezes, necessário recorrer aos orçamentos das Linhas para satisfazer necessidades correntes do Centro. Era uma situação delicada, que sempre conduzi com o máximo cuidado.

Recordo o pesar que o Professor Beires manifestou em Maio de 1972, aquando do falecimento, já aguardado, do

Professor Sebastião e Silva, por quem tínhamos grande consideração e em cujo funeral estivemos presentes, também com Neves Real.

Em 1974 e início de 1975, já com graves problemas de saúde, aconteceu mais de uma vez ele ter-me dado indicações para eu escrever e assinar algumas cartas em seu nome e pediu-me também um dia para passar por sua casa tratar directamente com ele algumas questões relacionadas com o CEMP. Seria essa a última vez que o veria. Este é o segundo depoimento que faço, sobre a personalidade do Professor Rodrigo Sarmento de Beires e sobre aspectos da minha vida profissional em que ele teve influência determinante: evocara já em tempos a sua figura numa cerimónia de descerramento de uma sua fotografia na chamada Sala Sarmento de Beires, no primeiro andar do então edifício da Faculdade de Ciências, na Praça Gomes Teixeira, cerimónia essa na qual, aliás, tive o gosto de me encontrar com membros da sua família, alguns dos quais conhecera ainda em vida do Professor Sarmento de Beires. Era a sala (da esquina NW do prédio) onde eu assistira às suas aulas de Mecânica Racional, em 1957/58

E não quero terminar este depoimento sem referir uma intervenção dele, relacionada comigo, menos de um ano antes da sua morte.

Em 17-19 de Novembro de 1974, teve lugar em Estrasburgo a última reunião do Comité Fundador da European Science Foundation (ESF) e, segundo relatório do representante português da JNICT, "*foram indicadas as*

candidaturas portuguesas para um lugar no Conselho Executivo, tendo a escolha recaído, a proposta do Presidente, no Prof. Arala Chaves, da Faculdade de Ciências do Porto. O Presidente justificou a sua selecção pela qualificação do candidato no domínio da matemática, disciplina até então omissa nos membros considerados para o Conselho." Eu fora sondado anteriormente, não me recordo sob que forma nem em que data precisa, creio que no Verão de 1974, sobre uma possível indicação do meu nome. Ficara bastante intrigado sobre de quem partira essa sugestão e só mais tarde soube que o meu nome fora sugerido ao Ministro, julgo que pela Secretária de Estado, após consulta ao Professor Sarmento de Beires. A ele devo, pois, uma experiência na qual tive oportunidade de estabelecer relações que não esqueço, entre outras com o Professor H. Curien com quem viria a ter algum contacto para lá das frequentes reuniões do Conselho Executivo, que tinham lugar em geral em Estrasburgo com periodicidade bimensal.

Esta evocação do Professor Sarmento de Beires cingiu-se aos aspectos que tiveram directamente a ver com a minha actividade profissional. Foi a opção que escolhi, por entender que não dispunha de elementos que me permitissem referir de uma forma equilibrada o seu papel relativamente a pessoas trabalhando em outros assuntos. Mas quero frisar que a actuação do Prof. Beires sempre foi muito abrangente e o seu apoio manifestou-se nos mais variados domínios, incluindo por exemplo a Astronomia, enquadrada na altura na área da Matemática, pelo menos para efeitos administrativos.

Gostaria de acrescentar a este depoimento uma nota mais pessoal: minha mulher, Maria Renata, que foi professora de Física na FCUP e que, nos seus tempos de estudante, fora também aluna do Prof. Sarmento de Beires, tinha por ele uma grande consideração e mantinha profunda gratidão pelo apoio moral que ele lhe prestara numa fase difícil do início da sua carreira profissional. Se ainda fosse viva, tenho a certeza que ela gostaria de se associar à evocação que nesta ocasião se está a fazer da figura daquele professor, por isso decidi acrescentar esta pequena nota. Mas entendi igualmente não me dever alongar em menções concretas que só a ela caberia decidir se queria ou não fazer.

Porto, 1 de maio de 2017

Um Mestre sem igual

Maria d'Eça

Licenciatura em Ciências Físico-Químicas
Professora aposentada do Ensino Secundário

Poderei eu, octogenária de memória já algo enfraquecida, apreciar com justeza as aulas de Mecânica Racional a que assisti no decorrer do meu curso universitário? Acredito que sim, porque essas aulas foram dadas por um Mestre sem igual: o Prof. Doutor Sarmento de Beires.

Entrava no anfiteatro com um cumprimento breve, mas elegante. Não perdia tempo com considerações supérfluas. Expunha a sua lição com clareza, sem recurso a qualquer nota, enquanto escrevia no quadro, sempre sem rasuras. Começava no canto superior esquerdo e terminava no oposto! Era a admiração geral. Daí que, no anfiteatro, o silêncio fosse natural, jamais imposto.

Será portanto fácil adivinhar como esperei, com preocupação, a hora de prestar conta dessas lições recebidas. Hoje, recordo com muita saudade o exemplo dessas mesmas lições.

Porto, 29 de dezembro de 2016

Recordando o Professor Doutor Rodrigo Sarmento de Beires

Maria D'Assunção Almeida Osório de Vasconcelos Jardim Gonçalves

Licenciada em Ciências Matemáticas pela Universidade do Porto em 1955
Docente do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras
da Universidade Técnica de Lisboa

1.
Muito agradecida estou por ter havido esta circunstância do centésimo aniversário do seu Doutoramento na Universidade do Porto – muito interessante ter sido o primeiro nessa grande Escola – o que me permite expressar o apreço que sempre tive pela Personalidade que era o Professor Sarmento de Beires.

2.
Considero que bastava a sua figura e a maneira distinta como falava com as pessoas, para de imediato perceber a sua excepcional categoria humana.

3.
Logo nas primeiras aulas a que assisti como aluna apreciei a expressão do seu talento, muito calma e despreocupada. Enchia o quadro à medida e ao ritmo com que ia expondo a matéria. A sua letra era bem desenhada e os espaços agradáveis, sem sobrecarregar o conjunto, o que facilitava muito a compreensão do conteúdo da aula.

4.
Usou sempre, ao falar com os alunos, um bom trato que, sendo afável, era também seguro.

5.
Teve a gentileza de convidar-me a participar, com um texto de carácter científico, num Congresso de Matemáticos realizado na Universidade do Porto.

6.
Já depois de licenciada e com família, teve atenções de cortesia por ocasião dos nascimentos dos meus filhos.

7.
Numa época em que quase não havia licenciadas na carreira universitária ou em gabinetes de investigação, o Professor Sarmento de Beires deu um sinal de mente aberta ao referir a hipótese da minha transferência pessoal para essa área. Nada aconteceu nesse sentido, porque coincidiu com a deslocação da nossa família para Lisboa, por razões profissionais do meu marido e, em consequência, eu ter ingressado na docência de Matemática do ISCEF de então, o actual ISEG.

8.
Se somos sempre as nossas memórias, o convívio e o exemplo académico do Professor Sarmento de Beires marcam um lugar muito destacado, passados embora tantos anos.

Sarmento de Beires, um Professor e Amigo

Gil Vicente Pelayo de Sousa Henriques

Licenciado em Ciências Matemáticas pela Universidade do Porto em 1961
Doutor em Matemática pela Universidade de Heidelberg
Ex Presidente do Centro de Epistemologia Genética de Genebra

Rodrigo Sarmento de Beires foi um dos professores prestigiosos que mais honraram a Universidade do Porto. Da geração a que pertenço, muitos tivemos ocasião de admirar a facilidade com que o ilustre professor aliava competência e dons pedagógicos.

Sou um dos estudantes que frequentaram com interesse o seu curso de Mecânica Racional e tive a sorte de beneficiar de um contacto longo e frutuoso com o mestre. Todos reconhecem que ele era um professor exigente. Mas a característica, na minha opinião, decisiva da sua personalidade como professor, é a seguinte: o interesse que ele manifestava pelos estudantes para os quais ele entrevia uma perspectiva de continuação de estudos coroada pelo Doutoramento.

Evoco com emoção a amizade do Professor Sarmento de Beires, vivamente manifestada quando me acompanhava, com os meus pais, à estação de caminho de ferro ou ao aeroporto, a cada partida para o estrangeiro, durante a minha fase de formação.

Abril de 2017

Recordações de Sarmento de Beires. Um Professor

Prof. Doutor Jorge Reis Lima

Professor Catedrático Jubilado da Universidade Portucalense
(Aluno do Prof. Sarmento Beires em 1965)

Como é hoje em dia vulgar escrever, começo por uma declaração de interesses: fui aluno do Prof. Sarmento Beires no último ano em que ele regeu Mecânica Racional, e gostei!

Confrontado com a possibilidade de escrever sobre alguém que foi meu Professor (o P maiúsculo é propositado) há mais de meio século, obviamente, pela formação (ou deformação académica como o eventual leitor entender), a primeira ideia foi retornar a velhas sebentas e apontamentos há muito tempo guardados em armários ou caixotes esquecidos ou quase. Porém lembrei-me da velha frase e grande ideal de vida: cultura é o que nos fica depois que tudo nos esqueceu. Assim decidi que ao correr da pena, ou melhor, do teclado do portátil, deixaria as memórias fluirem e só no fim, se sentisse necessário, faria a verificação de factos que é inata a qualquer experimentalista.

Lembro-me de que a cadeira, ou melhor, o cadeirão de Mecânica Racional era um dos envolvidos numa mística especial e que contribuía para o despovoamento de muitos colegas que "emigravam" em busca de zonas mais amenas que, naqueles tempos, se resumiam a Coimbra ou Lisboa (isto é, as respetivas Faculdades e Universidades). Hoje em dia, confesso que toda esta aura me atraiu de imediato, pois sempre achei que é com dificuldades e na adversidade que nos desenvolvemos. Mais de meio século volvido, confesso que para mim valeu a pena e gostei.

De que me lembro desse longínquo ano de 1965?

Primeiro, da pessoa e personalidade do Professor Sarmento Beires. Lembro-me dele alto e garboso, a falar com naturalidade de matérias muito complexas, de um modo que para mim era simplesmente fascinante. Nunca perdi uma aula. Foram momentos preciosos, raramente igualados ou ultrapassados, que ainda agora guardo como se fosse hoje.

Segundo, para além da mística do cadeirão de Mecânica Racional e do seu regente, havia o assistente o "Senhor Miranda" outra personalidade da Universidade do Porto que também merecia um capítulo (ou mesmo um livro) à parte na história da nossa Universidade.

Como disse no princípio, se gostava do Regente da disciplina (ou cadeirão), adorava o assistente. As conversas intermináveis que tive com o "Sr. Miranda", depois das aulas práticas, com o meu colega de curso Sérgio, ainda hoje em dia são uma das doces recordações que muito me nortearam nos meus anos de docência. Às perguntas que coloquei, não havia barreiras. As últimas coisas que tinha lido na "*Scientifican American*" eram discutidas e dissecadas. Lembro-me de discussões intermináveis (ou devo dizer conversas), por exemplo, sobre se as constantes universais do Universo (tal como a constante de gravitação universal ou a velocidade de propagação da luz no vazio) variam com o tempo. E se pensam que são questões do antigamente, leiam os livros do físico português João Magueijo. E não esqueço o respeito que o "Senhor Miranda" tinha pelo "nosso homem", o Prof. Sarmento Beires.

Que mais me ficou desse longínquo ano de 1965?

Lembro-me de que, para mim, esse ano, o meu terceiro da licenciatura de Engenharia Eletrotécnica, foi um ano de deslumbramento. Andava literalmente encantado, com as aulas do Prof. Araújo Moreira de Física Complementar, do Prof. Sarmento Beires e o "Sr. Miranda", de Mecânica Racional e ainda a Análise Superior com o Prof. Cipião. Não tenho dúvidas em indicar esse ano como um dos melhores que tive e o melhor de todo o meu percurso na Licenciatura.

E que recordo, sem recorrer a auxiliares de memória, da Mecânica Racional e do Prof. Sarmento Beires?

A certeza nas afirmações como professor que, quando com os colegas Sérgio e Olivério perguntei se podíamos gravar as aulas, para melhor tirar os apontamentos, a reposta instantânea (tal como o Prof. Araújo na Física Complementar) foi: "claro que sim; tudo o que aqui é dito pode ser reproduzido em qualquer sítio". Pena tenho que na altura a fita era muito cara e já não tenho essas gravações que, de certeza, fariam sucesso como, por exemplo, as "Feynman's Lectures On Physics", agora à venda em DVD na Amazon.

Lembro-me das primeiras aulas de introdução à Mecânica, que eram essencialmente uma introdução matemática aos campos vetoriais, a teoria dos torsores que fundamentava depois todo o estudo do campo de velocidades contemporâneas de um sólido rígido e dos campos de momentos.

Lembro-me da cuidadosa divisão no estudo da cinemática, cinética (os teoremas de König), estática e dinâmica. Lembro-me de longas aulas práticas a discutir cilindros em cima de cones ou esferas ou moscas nas mais variadas superfícies e

nos conceitos de rolante e base, base da teoria das engrenagens em órgãos de máquinas, e de aplicações muito concretas como o estudo de comboios, e respetivas locomotivas em carris e com e sem atrito, para além de outras subtilezas como o cálculo infinitesimal em superfícies, etc. E isto já para não falar no célebre problema de determinar qual a equação matemática que carateriza a "curva de perseguição", isto é, a curva descrita por um cão que se dirige constantemente, em cada instante, para o dono, que por sua vez também descreve um trajetória com uma geometria menos vulgar. Os raciocínios que fui obrigado a fazer, depois muito me ajudaram em várias fases de todo o meu percurso universitário.

Como uma vez me disse um colega, a Mecânica Racional era uma das cadeiras que nos fazia homens. Alguns, que não critico, por terem inclinação por outros temas, preferiam outras paragens, mas tenho a certeza que quem ficou com o Prof. Sarmento Beires ficou para sempre marcado por ele. Não hesito em dizer que para mim foi um paradigma que com frequência, tal como com o Prof. Araújo, tentei muitas vezes emular e imitar.

O tempo ensina-nos que a vida não é uma sucessão contínua de memórias, mas sim momentos que constituem o nosso imaginário. O Prof. Sarmento Beires é uma dessas muitas queridas memórias e por isso bem-haja para todo o sempre.

Porto, 30 de janeiro de 2017

Recordação do Professor Rodrigo Sarmento de Beires

Maria Odete Lopes da Silva Maia

Licenciada em Engenharia Químico-Industrial pela Universidade do Porto em 1959
Professora Associada aposentada da Universidade do Minho

Na década de 50 e não só, quando nos aproximávamos do 3.º ano dos Preparatórios de Engenharia, na Faculdade de Ciências, os nossos colegas avisavam que era conveniente ir para Coimbra, porque a cadeira de Mecânica Racional era muitíssimo difícil. E assim acontecia com a grande maioria dos alunos, tanto das licenciaturas de Engenharia, como das de Matemáticas e de Físico-Químicas.

Quanto a mim, como a família não tinha possibilidade de suportar tal deslocação, desde sempre me mentalizei que teria de fazer a cadeira aqui no Porto. E fiz. Fiz à primeira tentativa (em 1955/ 56), com uma classificação bastante razoável.

Afinal a ideia de "ser necessário ir para Coimbra" era um mito!

O Professor Sarmento de Beires era uma figura interessantíssima, um homem afável e simpático, cujas aulas eram bastante agradáveis, apesar da matéria ser muito difícil. Sim, porque nessa época havia uma enorme distância entre professores e alunos.

Quando entrávamos para o anfiteatro, o Professor Beires esperava, em cima do estrado, junto da porta. A aula começava quando todos os alunos tinham entrado e então desenvolviam-se, no quadro preto e com giz, os integrais triplos associados a toda a teoria.

É esta a imagem mais marcante que guardo na minha memória de há 62 anos atrás.

4 de abril de 2017

Professor Sarmento de Beires, um marco na minha formação na Universidade do Porto

Maria de Fátima L. S. Ramos Morgado

Engenheira Químico-Industrial pela Universidade do Porto em 1960
Doutorada em Ciências de Engenharia pela Universidade do Minho
Vice-Presidente do Instituto Politécnico do Porto (aposentada)

Foi no ano lectivo de 1955/56 que fui aluna do Senhor Professor Sarmento Beires de quem, sem exagero, posso dizer que ouvia falar desde o dia em que entrei na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto para frequentar o curso de Preparatórios de Engenharia. E posso dizer que "a palavra de ordem" era: "no 3º ano vai-se para Coimbra porque a cadeira do Beires, Mecânica Racional, é impossível de ser feita cá. A dificuldade da matéria e a exigência do Professor tornam-na uma barreira difícil de transpor."

Nunca aderi a esta ideia, nunca pus sequer a hipótese de ir para Coimbra. As aulas do Professor Beires foram para mim, e não só para mim, mas para os onze que tínhamos ficado no Porto, momentos mágicos, com um fluir de raciocínios que pareciam evidentes. Os problemas surgiam quando, ao estudarmos, precisávamos de aplicar a teoria à resolução de problemas concretos.

Lembro-me bem de que só lamentei profundamente não ter ido para Coimbra nos terríveis minutos que antecederam a entrada para a prova oral do exame final. Mas sobrevivi...e foi uma alegria enorme!

Recordo com muito carinho um episódio que se passou durante esse ano lectivo. Estive em casa duas semanas com uma hepatite a que se seguiu uma icterícia. Quando voltei às aulas, debilitada e "amarela", o Prof. Beires veio ter comigo no fim da aula, aconselhou-me cuidado na recuperação e ofereceu-se para me compensar com alguma explicação extra que eu entendesse precisar. Mais nenhum Professor o fez, o que considerei natural. Ele é que era excepcional.

Passados anos, já com os quatro filhos, mudámos de casa e, feliz coincidência, os vizinhos do andar debaixo do nosso eram o Professor Beires e a Esposa.

Começou aí uma relação diferente que nos trouxe, ao meu marido e a mim, muita satisfação e, mais tarde, uma saudade que não se apagará nunca.

Porto, 27 de maio de 2017

Falando do Professor Sarmento de Beires

Renato Jorge Ramos Morgado

Engenheiro Eletrotécnico pela Universidade do Porto em 1959
Coordenador do Comité Científico do Grupo Efacec
Professor Catedrático Jubilado Convidado na Universidade do Minho

Falar do Professor Sarmento de Beires é falar de uma das mais gratas recordações da minha vida, da minha juventude. É falar dum Professor a quem muito devo na formação quer científica quer humana, formação essa que sempre me acompanhou desde estudante, na carreira profissional como engenheiro e como professor universitário, na qual procurei não esquecer o que com ele aprendi sobre o que é ensinar e o que é ser Professor.

Entrei na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto em 1953/1954 disposto a fazer os então chamados Preparatórios de Engenharia. Eram três anos de Matemática e Física muito exigentes e que assustavam mesmo os que tinham sido os melhores no secundário!

O Beires! O Beires! O Beires!

Era o nome que mais, e mais espontaneamente, se ouvia da boca dos nossos colegas mais velhos, quando comentavam os Professores que iríamos encontrar, e nos preveniam acerca deles! E diziam "O Beires" com um misto de terror e de profundo respeito.

Muitos anunciavam-nos logo que iriam fazer o terceiro ano, ano em que teríamos Mecânica Racional, a disciplina em que iríamos enfrentar o terrífico "Beires", em Coimbra! Ficávamos naturalmente muito assustados!

Eu não fui para Coimbra e tinha 19 anos de idade quando fui aluno do Professor Sarmento de Beires, no terceiro ano da Faculdade de Ciências no Porto!

Pois bem! É certo que Mecânica Racional era difícil, é certo que o Professor Sarmento de Beires era muto exigente, mas também é certo que o Professor Sarmento de Beires era um Professor que não provocava terror nenhum a ninguém e que, antes pelo contrário, era extremamente afável e disponível, as suas aulas eram uma delícia e extremamente motivadoras, e transformavam a Mecânica Racional numa matéria belíssima...para quem gostava de estudar e de aprender!

O resultado foi que tive a Mecânica Racional uma das melhores notas do meu curso, fazendo o então famoso exame de dispensa (que apenas nos dispensava de fazer o exame final) e tive com o Professor Sarmento de Beires um relação privilegiada!

Mais tarde, já na Faculdade de Engenharia, com 21 anos de idade, voltei a ser aluno do Professor Sarmento de Beires.

Já não era o Professor Beires da Matemática, mas o Professor Beires Engenheiro, mas tão notável como Engenheiro como o era como Matemático, igualmente afável e disponível e as suas aulas igualmente deliciosas e motivadoras.

Não posso deixar de referir algum contacto privado que tive com o Professor Sarmento de Beires e que me permitiu apreciar quão extraordinária era a pessoa como extraordinário era o Professor.

Primeiro, ainda como estudante, quando ele decidiu publicar na Faculdade de Engenharia as sua aulas – a famosa sebenta - e me chamou para com ele trabalhar na revisão dos seus manuscritos. Tarefa difícil e intimidante, mas muito gratificante!

Depois, mais tarde, pela coincidência de que, quando casei (aliás com uma antiga aluna dele) ter ido morar para o terceiro andar dum prédio no qual ele habitava o segundo andar. Muitas noites ele subia ao terceiro andar apenas para conversar comigo!

Era para mim um grande prazer.

O Professor Sarmento de Beires era, efectivamente, extraordinário e inesquecível, quer como Professor, quer como Pessoa.

28 de fevereiro de 2017

Mecânica Racional, uma cadeira inesquecível

Pedro Guedes de Oliveira

Prof. Emérito da Universidade do Porto

O Prof. Rodrigo Sarmento de Beires não era para mim um desconhecido quando, em 1964/65, foi meu professor de Mecânica Racional. E não o era porque havia ligações de amizade entre a sua mulher e a minha Avó materna e também porque, na Faculdade de Ciências onde fazíamos os três primeiros anos dos cursos de Engenharia, era impossível não o conhecer: Sarmento de Beires era responsável pela saída, no 3º ano, de uma grande quantidade de estudantes que ia para Coimbra fazer a Mecânica Racional.

Claro que isto era também algo libertador, para muitos, numa época ainda de grande imobilismo (apenas abalado pela Crise Académica de 62) em que sair um ano de casa, para um ambiente supostamente boémio e mais livre, era um grande desafio. Mas a verdade é que a fama de Sarmento de Beires era essa e, diria eu, algum do proveito: a disciplina era muito difícil (supostamente a mais difícil) e a minha convicção foi sempre que Sarmento de Beires não desgostava nada que assim fosse.

Mas antes de prosseguir, deixem-me dizer, desde já, que a Mecânica Racional foi das disciplinas mais interessantes e onde tive a sensação de ter aprendido mais, em todo o curso. Embora tenha gratas recordações da Faculdade de Ciências, daqueles 3 primeiros anos da licenciatura em engenharia, onde, para além de Sarmento de Beires, tive notáveis professores como o Moreira de Araújo, Cipião de Carvalho, ou Manuel Miranda, a Mecânica Racional era especial.

As aulas de Sarmento de Beires eram notáveis. Prendiam-nos a atenção de uma maneira fortíssima, até porque eram sempre difíceis de acompanhar, já que ele não simplificava nada. O rigor era extremo, como era significativa a amplitude, extensão e profundidade da matéria. Não havia qualquer infantilização dos estudantes a quem era pedida uma grande capacidade de análise, estudo e reflexão. A própria escrita no quadro era inacreditável: a organização, o impecável desenho das figuras e das próprias letras (os eixos eram

sempre ξ, η e ζ) tornariam hoje irresistível fazer uma fotografia com o telemóvel. Mas a solidez dos conceitos, a abordagem a temáticas que nunca mais foram revisitadas, o rigor formal, deixaram marcas (e conhecimentos) que recordo bem, ainda hoje, mais de cinquenta anos depois.

E as aulas teóricas eram acompanhadas por umas práticas dadas pelo Prof. Manuel Miranda, também ele, como disse acima, um notável professor. Sentia-se, porém, que entre ambos havia alguma tensão quanto à visão da matéria, que aliás se manifestou no modo como, após a jubilação de Sarmento de Beires, Manuel Miranda passou a organizar a disciplina, de que se tornou responsável.

Sarmento de Beires era uma pessoa distante, mas esse era, em geral, o ambiente na Faculdade de Ciências. Não me lembro nunca de ter falado com ele. Nesse sentido era muito diferente de Manuel Miranda com quem tínhamos de falar, até porque não lhe passava pela cabeça que fôssemos a exame sem primeiramente vermos exames anteriores, meticulosamente corrigidos e comentados. E, bem assim, os nossos próprios exames, antes de irmos à oral.

Já não foi Sarmento de Beires quem nos examinou. Efetivamente, em Junho de 1965, jubilou-se e, havendo exatamente uma diferença de cinquenta anos entre Sarmento de Beires e eu próprio, não deixei de o recordar aquando da minha própria jubilação, em 2015. Disse eu na altura:

"A primeira vez que assisti a algo idêntico ao que hoje se está a passar comigo mesmo — a última aula porque se atingiu o limite de idade — foi precisamente há cinquenta *anos, estava eu a acabar o 3º ano na Faculdade de Ciências. Essa jubilação foi do Prof. Rodrigo Sarmento de Beires. Sarmento de Beires fora ainda o meu professor de Mecânica Racional e aqueles que, como eu, o tiveram como professor — e estão aqui alguns — provavelmente ficaram tão impressionados como eu fiquei, com as suas aulas. Ele dava, de facto, um curso notável. Sarmento de Beires, que tinha exatamente mais* cinquenta *anos do que eu — nascera em Junho de 1895 — foi, curiosamente, o primeiro doutorado da Universidade do Porto, em 1917. A última aula foi muito brilhante e teatral, como era seu hábito. O ambiente, onde estavam muitos dos vultos académicos do tempo, foi muito impressionante e ainda o recordo."*

É pois com enorme prazer que deixo este brevíssimo testemunho, no centenário do seu doutoramento, do que foi a visão que, aos desanove anos, eu tive de um ano de convívio, distante mas altamente influente, com o Prof. Rodrigo Sarmento de Beires.

Porto, 30 de março, 2017

Professor Doutor Rodrigo Sarmento de Beires
No centenário do seu Doutoramento

José Joaquim de Sousa Pereira Osório

Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Ciências do Porto
Membro Efectivo da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa
(Aluno nos anos letivos 1957/58 (Mecânica Racional) e 1958/59 (Física Matemática))

Quando, no início do ano lectivo 1955/56, ingressei na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP), frequentando a Licenciatura em Ciências Matemáticas, os anfiteatros adstritos a esta área científica localizavam-se na parte noroeste do bem conhecido Edifício da Praça dos Leões, onde funcionavam, também, todos os Serviços Centrais da Universidade do Porto. Um desses anfiteatros era conhecido, entre os alunos, como a sala da Mecânica Racional, essa disciplina já então com grande fama sob a responsabilidade do Professor Rodrigo Sarmento de Beires. Deslocando-me diariamente nessa zona cruzava frequentemente com essa figura inconfundível de elegância, de respeito pelos alunos e sempre disponível para os ajudar. Facilmente se reconheciam dois tipos de alunos: os que muito admiravam as suas aulas e muito se sentiam motivados para ler, como dizia o Professor, *nas entrelinhas* e os que sentiam mais dificuldades e logo pensavam transferir-se para a Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra. Fui dos que tiveram o privilégio de ficar quando, no ano lectivo 1957/58, 3º ano do Curso, pude confirmar pessoalmente todas as qualidades então tão apreciadas: exposições brilhantes e claras sem nunca abdicar do rigor em matérias de tanta sensibilidade. Pessoa sempre amável e disponível para auxiliar os seus alunos...

Do muito que haveria para dizer, não posso deixar de registar um episódio que muito me sensibilizou e que sempre recordo. Se bem me lembro, o enunciado do exame final exigia também muita atenção na sua compreensão. Eu, como muitos outros colegas, estava a retardar o início das respostas. Talvez pelo nervosismo que por vezes surge nestas ocasiões ou por qualquer outro motivo, repentinamente passei a sangrar pelo nariz. Fiz tentativas para que o sangue parasse, mas sem êxito. O Professor Sarmento de Beires, sempre por perto, reconhecendo que o exame não estava a seguir como esperado, desabafou – *há dias em que tudo corre mal!* Chamou o contínuo que me acompanhou para o exterior da sala. Claro que, assim, se perdeu muito tempo, tendo ficado com a convicção de que não evitaria, pela primeira vez no meu curso, uma segunda chamada. Quando, dias depois, foi publicada a respectiva Pauta, fui surpreendido com a indicação de admitido à prova oral. Fiquei muito satisfeito...No decorrer dessa prova, adaptei-me perfeitamente à leitura nas entrelinhas, a ponto de muitas vezes nem esperar pelo final da pergunta. Correu muito bem, mas ficando naturalmente a aguardar uma classificação relativamente baixa dado o que tinha acontecido na prova escrita. Nada disso, o resultado

final, embora o mais baixo de todas as disciplinas desse ano, era perfeitamente compatível com os outros e em nada poderia prejudicar a média geral nessa altura. Fiquei seriamente impressionado: para além dos resultados numéricos usuais aquele Grande Professor terá considerado, também, o conhecimento directo obtido nas suas próprias aulas...No ano seguinte, fui seu aluno na disciplina de Física Matemática, obtendo a mesma classificação, curiosamente aquela que tive também em Mecânica Celeste. Não posso deixar de assinalar a estranha coincidência de serem matérias das áreas destas três disciplinas as que, juntamente com as da Astronomia, mais me acompanharam ao longo de toda a minha carreira universitária, mesmo agora em actividades que venho desenvolvendo já depois do Jubileu em 2008. Como exemplo, tenho mesmo a minha própria dissertação de doutoramento intitulada *Perturbações de órbitas de satélites no estudo do Campo Gravitacional Terrestre*.

Terminada a Licenciatura em Ciências Matemáticas, entrei para o corpo docente da FCUP, tendo, dois anos depois, sido convocado para o Serviço Militar Obrigatório com uma duração de três anos. Durante este período foi-me concedida uma Bolsa de Estudo pelo Instituto de Alta Cultura (IAC), graças à intervenção do Professor Sarmento de Beires, então Director do Centro de Estudos Matemáticos, e por sugestão do também saudoso Grande Professor Manuel Gonçalves Pereira de Barros, Director do Observatório Astronómico. Foi assim que tive a oportunidade de iniciar os meus trabalhos no âmbito dos Satélites Artificiais Terrestres e de fazer as primeiras publicações nos Anais da FCUP. Terminado o Serviço Militar Obrigatório, foi, ainda, por iniciativa do Professor Sarmento de Beires que o IAC me concedeu nova Bolsa, agora para trabalhar na Universidade de Londres. Durante este período teve lugar o seu Jubileu, motivo porque uma das minhas publicações desse tempo, *The Evaluation of the Geopotential, foi incluída no Volume Homenagem ao Professor Doutor R. Sarmento de Beires no seu Jubileu*, Imprensa Portuguesa, 1975.

Regressado a Portugal, continuei as actividades em Astronomia e Ciências do Espaço, tendo-me sido oferecidas diversas oportunidades para deslocações a Observatórios e Centros de Investigação em vários Países não só da Europa como dos Estados Unidos e do Canadá. Claro que, também aqui, o Professor Sarmento de Beires teve intervenção decisiva não só enquanto Director do Centro de Estudos Matemáticos mas também pela atenção e pelo apoio com que sempre acompanhou essas minhas missões.

Tive, ainda, o prazer e a honra de ver o Professor Sarmento de Beires, já Jubilado, integrar o Júri do meu Doutoramento, Júri esse presidido pelo então Reitor da Universidade do Porto, o seu Grande Amigo Professor Ruy Luís Gomes, como se sabe, também um extraordinário matemático.

Pessoalmente e em ligação com a disciplina de Mecânica Racional, que o Professor Sarmento de Beires tanto notabilizou, gostaria ainda de referir que, após o Jubileu do Professor Manuel Gonçalves Miranda, que lhe tinha sucedido na respectiva regência, me foi atribuída a responsabilidade daquela disciplina. Estando já com a sobrecarga de outras regências teóricas, solicitei à Faculdade o apoio de um Assistente para a regência das aulas práticas. Foi, então, contratada a recente Licenciada Isabel Maria Teixeira Vergueiro, que, mais tarde, se doutorou ainda nesta área com a dissertação *O Sistema Global de Posicionamento na Orbitografia de Satélites de Baixa Altitude*. Esta

Professora está hoje aposentada, é a minha mulher e mãe dos meus dois filhos, um engenheiro e uma médica.

Não posso terminar este pequeno depoimento sem referir uma actividade menos divulgada do Professor Sarmento de Beires, a sua intervenção na Academia das Ciências de Lisboa, para que foi eleito Sócio Correspondente Nacional, em sessão da Classe de Ciências em 7 de Maio de 1959. Na respectiva proposta pode ler-se:
Antigo Vice-Presidente da Câmara Corporativa, as suas lições de Mecânica granjearam-lhe justo renome no magistério superior.
Três factos se põem em relevo:
- A magnífica biografia do nosso insigne Confrade Prof. Gomes Teixeira
- A sua intervenção no Congresso Mundial da Energia
- O aspecto prático das suas realizações e do seu saber.
A Classe de Ciências da Academia está segura de que assim vai ter um novo colaborador cheio de méritos e de aprumo.

Posteriormente, o Professor Sarmento de Beires, com a sua habitual elegância, agradeceu essa distinção, manifestando o desejo de colaborar na vida da Academia. São conhecidas, pelo menos, duas Comunicações: *Sobre os campos de vectores cujo rotacional é um vector constante e os campos de momentos*, Memórias da Academia das Ciências de Lisboa: Classe de Ciências Tomo XVI p. 25-28, 1972, e

Sobre funções mecânicas de configuração, Memórias da Academia das Ciências de Lisboa: Classe de Ciências Tomo XVI p. 65-83, 1972.

No seu Processo Individual na Academia existe cópia de um Ofício, de 21 de Junho de 1974, aquando do falecimento do seu Ilustre Irmão, um dos pioneiros da aviação em Portugal, *Piloto Aviador José Manuel Sarmento de Beires*, nos seguintes termos: *Comunico a V. Exª. que a Classe de Ciências da Academia, na sessão realizada ontem, aprovou por unanimidade um voto de sentido pesar pelo falecimento do glorioso Irmão de V. Exª., proposto pelo seu Presidente Herculano de Carvalho*. Encontra-se junto daquele documento o muito sentido e elegante agradecimento do Professor Sarmento de Beires.

O Doutor Rodrigo Sarmento de Beires foi um Professor de qualidades científicas e didácticas extraordinárias, um empreendedor e activo Director do Centro de Estudos Matemáticos do Porto e um Docente sempre disponível a ajudar todos aqueles que dele se aproximavam. Por tudo isso, deixou enorme saudade e viva recordação naqueles que foram seus alunos, nos que puderam usufruir da sua amizade, no fundo, de todos aqueles que de qualquer modo tiveram o privilégio de o conhecer.

Porto, 21 de março de 2017

Ao:

Exemplar
Perfeito
Rigoroso
Magnífico
Célebre
Sábio
Distinto
Humano
Brilhante

Rodrigo Sarmento de Beires

Maria Clara Menezes Pacheco

Professora de Matemática do Ensino Secundário (aposentada)
Aluna de Mecânica Racional em 1956/57 e de Física Matemática em 1957/58

Como antiga aluna, cumpre-me prestar reconhecida homenagem pelo muito que recebi de tão ilustre Professor.

Os seus conhecimentos científicos eram sempre expostos com toda a clareza, ordem e rigor, conseguindo despertar nos alunos todo o interesse e atenção. As suas aulas ficaram gravadas nas nossas memórias e são recordadas com saudade.

É também de destacar a distinção e humanidade com que sempre tratou os seus alunos.

Não posso esquecer o dia em que levei a pasta com as fitas para lhe pedir a assinatura. Não se limitou a assinar a fita. Procurou saber o que eu pretendia fazer no futuro. Ao saber que eu queria ser professora, entusiasmou-me muito, dando-me bons conselhos e desejando-me felicidades.

Tenho-o sempre presente na minha memória, não só pelo que aprendi, mas por todo o apoio que sempre me deu.

A antiga aluna muito grata.

Março de 2017

Homenagem ao Professor Doutor Rodrigo Sarmento de Beires por ocasião do centenário do primeiro doutoramento pela Universidade do Porto

Duarte José Vasconcelos Costa Pereira

Professor Jubilado da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

O Prof. Rodrigo Sarmento de Beires que, em 20 de Junho de 1917, protagonizou o primeiro doutoramento da Universidade do Porto que agora celebramos, ficou sem Mãe no ano em que nasceu. Após uma infância e adolescência que só por esta condição deverão ter sido difíceis, matriculou-se no curso de bacharelato em ciências matemáticas da recém criada Universidade do Porto. Em 1915 sai como um dos primeiros bacharéis da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, laureado com o Prémio Gomes Teixeira (o primeiro reitor desta universidade). Nesse mesmo ano foi nomeado assistente dessa faculdade e encarregado da regência de Geometria Projetiva, Geometria Descritiva e Estereotomia, Física e Matemáticas Gerais.

Não foi este serviço docente nem mesmo uma ida para a frente de batalha na Grande Guerra que o impediram de apresentar a tese de doutoramento intitulada *Teoria Geral das Cáusticas*, que ora celebramos e em que obteve a classificação de 19 valores.

De 1920 a 1922, tendo pedido licença para se ausentar do país, diplomou-se com a mais alta distinção em engenharia eletrotécnica pela Faculdade Técnica da Universidade de Liège. É curioso notar que esta digressão pelo conhecimento se realiza ao contrário do que Einstein tinha feito de 1905 (relatividade restrita dominada pelo eletromagnetismo) para 1915 (relatividade geral dominada pela gravidade). Sem ter elementos seguros para formular um juízo de valor, arrisco dizer que a motivação para este passo se prenderia fundamentalmente com a vontade de contribuir para a modernização do País, como aliás atesta o seu currículo nas colaborações com a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, que entretanto se veio a formar a partir da Faculdade Técnica (enquadrada na Faculdade de Ciências desde os primórdios da Universidade do Porto) e na participação na administração de várias empresas ligadas à produção, distribuição e utilização de eletricidade.

De qualquer modo, de regresso ao Porto em 1923, foi-lhe atribuída a regência do curso de Mecânica Celeste, com destaque para a Mecânica Racional, disciplina que nas décadas seguintes viria a ser exigida nos preparatórios de todas as Engenharias, incluindo a Engenharia Militar. Foi nesta condição que o Professor se cruzou com o meu Pai nos anos 20 e, mais tarde, comigo nos anos 60. A impressão que o Prof. Beires causou no meu Pai foi de tal maneira marcante, que frequentemente ao referir-se às pessoas mencionava como primeira credencial a nota que

tinham obtido com o Prof. Beires. Por sua vez, o Professor também não tinha esquecido o meu Pai, já que, numa visita a uma aula prática regida pelo Prof Miranda, dirigindo-se a mim, que não conhecia, me perguntou se eu era alguma coisa ao Engenheiro Duarte Costa Pereira e, perante a minha resposta, perguntou-me se eu estaria disposto a honrar o nome do meu Pai. Foi o que tentei, e não foi fácil.

Essa dificuldade da disciplina, que motivava a "fuga" de muitos alunos para Coimbra nos terceiros anos dos seus cursos, era compensada por uma elegância inexcedível na exposição da matéria, que tornava belas as difíceis estruturas matemáticas cuja dificuldade apenas era percebida na recapitulação da matéria a partir dos apontamentos da aula, já que não havia livros e muito menos sebentas aconselhados.

A avaliação era muito exigente e consistia, para além das frequências, num exame escrito e noutro oral. No meu ano (1961-62) o exame escrito foi dividido em duas partes de cerca de três horas cada, realizadas no mesmo dia, separadas por um pequeno intervalo.

Para ilustrar a dificuldade desse exame basta descrever o que me lembro do problema de Dinâmica (segunda parte, já depois duma primeira parte trabalhosa): estudar o movimento de uma mosca pousada na porta deixada aberta duma carruagem de um comboio quando este arranca...

Embora nos apetecesse maldizer a CP, o empregado que deixou a porta aberta ou quem fez a lixeira que produziu a mosca, lá fomos puxando pela cabeça e produzindo a resposta...

Mas não se pense que o Professor era só um "mauzão". Ele preocupava-se a sério com os seus alunos, como ilustram os episódios seguintes ocorridos um no exame escrito já referido e refletindo uma preocupação com a saúde dos seus alunos, outro refletindo o desejo de dar oportunidade aos alunos para mostrar e usar os seus conhecimentos e ainda outro manifestando a preocupação com o futuro dos estudantes:
- Assim é que, quando regressei do intervalo do exame escrito, o Professor tinha estado a contar as pontas de cigarro que eu fumara na primeira parte e pregou-me um "sermão" que recordei com saudade quando, anos mais tarde, deixei de fumar.
- No meio do longo exame oral, quando estava perto do quadro, senti a vara que o professor empunhava percutir com certa violência o quadro depois de ter passa-

do a centímetros de mim. Vi também a ira estampada no rosto do Professor enquanto dizia: "estava tudo a correr tão bem..." Como estava certo da resposta que tinha dado, limitei-me a, com calma, repeti-la.

Então, revelando a sua boa educação e excelente caráter, o Professor pediu desculpa e justificou-se com a audição deficiente provocada pela idade, revelando uma outra qualidade insuspeita - a generosidade-, ao atribuir-me a classificação de 18 valores que nos deixou eufóricos, tanto a mim como ao meu Pai.

- Lembro ainda a preocupação com que o Professor encarava a vocação em moda na altura (e por mim abraçada), que era a Engenharia Química, penso que não por motivos filosóficos como fizera Kant, nem por motivos de coerência científica das suas bases, como recentemente se tem vindo a admitir, mas tão só pela redução que isso provocaria nas fileiras da Física e da Matemática.

A estas lembranças que se mantêm nítidas, não obstante os mais de quarenta e cinco anos que já lá vão, acrescem outras mais diluídas, como a ocasional evocação de amigos (como os Professores Duarte Leite e Rui Luís Gomes), independentemente de tal ser politicamente incorreto. Também lembro o consolar de alunos que tinham dificuldades com a matéria, justificando com o facto de tais dificuldades só mostrarem um menor desenvolvimento da inteligência lógico –matemática, que é apenas uma das múltiplas inteligências que se podem atribuir aos seres humanos, como contemporaneamente psicólogos como Howard Garden confirmam.

Não gostava de terminar sem referir as histórias que se contavam sobre a relação entre o Professor Beires e o Assistente da cadeira, o Prof. Miranda. Não tendo assistido a nenhum desses episódios, não seria legítimo narrar qualquer item desse anedotário, esperando que nesta homenagem alguém tome essa iniciativa, com base mais sólida que o ouvir dizer.

Porto, 30 de março de 2017

Professor Rodrigo Sarmento de Beires

José Manuel de Mesquita Ramos

Engenheiro Mecânico pela Universidade do Porto em 1961

Tive o privilégio de ter sido aluno do Professor Rodrigo Sarmento de Beires, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, na cadeira de Mecânica Racional, no ano lectivo de 1957/58.

Foi um dos três professores que mais me moldaram a forma de pensar. Fazem parte desse conjunto o meu professor da Instrução Primária, Elias Lopes Cardoso, e o professor de Ciências Naturais (6.º e 7.º anos do liceu), Dr. Henrique Medina.

Ao falar do Professor Sarmento de Beires, a memória evoca imediatamente a elegância da sua figura, a forma como escrevia e desenhava. Às vezes, era preciso coragem para vencer a hesitação em apagar o quadro para a aula seguinte. Quem não assistisse ao seu desenho de uma circunferência poderia julgar ter sido feita a compasso.

Referindo-se com muita frequência a problemas de carácter técnico-profissional, desenvolvia em seguida a matéria do programa da cadeira que permitiria chegar à sua solução. Para a facilidade e eficiência com que o fazia, dava um contributo importante a sua experiência profissional, nomeadamente a que mantinha ligada a grandes empreendimentos hidroeléctricos.

O qualificativo da disciplina "Racional" aplicava-se também de forma bem patente à maneira como expunha. Era um verdadeiro deleite! Sempre impecavelmente vestido, de fino trato, com uma linguagem precisa, uma dicção perfeita e o olhar vivo, todos estes traços contribuíam para que a complexidade da matéria fosse, com tais coadjuvantes, mais agradavelmente ligada e aplicada aos problemas práticos a que se referia. Afinal, o grande objectivo deste campo do ensino.

Mas para além da estrita aplicação da Mecânica Racional, tenho que reconhecer que teve para mim muito maior importância o contributo que dele recebi para a estruturação do meu pensamento.

A maneira como apresentava cada assunto despertava interesse e curiosidade. Lembro-me de ter pena quando a aula chegava ao fim. Estudava-se com prazer.

Muito importante foi a bagagem com que aquele Professor soube dotar-nos para a vida profissional, contribuindo significativamente para a nossa segurança, competência e gosto na abordagem e resolução de muitas das situações que futuramente encontrámos.

Notava-se que dava as aulas com prazer. É admissível que não impusesse a si próprio grandes limitações, sabendo, como toda a gente, que quem quisesse fazer aquela cadeira de forma mais fácil não estava ali, tinha ido fazê-la a Coimbra. Daí que se deva dizer que, apesar da beleza e do prazer daquelas aulas, se tinha que estudar a sério. E não seria fácil vencer a barreira do exame se se tivesse mais uma ou duas disciplinas do género, no que respeita à natureza e extensão do programa e consequente exigência de estudo.

Há que reconhecer que as melhores marcas e mais profundas que transportamos na vida não foram feitas de forma fácil.

E há Professores que contribuíram extraordinariamente para essas marcas!

22 de fevereiro de 2017

“Homenagem ao Prof. Doutor Rodrigo Sarmento de Beires”

Luís Neves Real

1910-1985

O Professor Sarmento de Beires (...) em perto de cinco décadas de ensino universitário e intenso labor profissional, soube manter sempre a altura da tradição: «integridade de caráter, probidade e tolerância de espírito, grandeza moral e tolerância no trabalho»!.

(...) A admirável «lição» da «última lição» dos cursos de Mecânica Racional, exatamente como lá longe, do outro lado do Atlântico, o Professor Ruy Luís Gomes pressentira, foi a juventude que a transfigurou a ponto de cada um de nós se sentir transportado a dez, vinte ou, para os mais velhos, quarenta anos atrás! Juventude promissora de uma atividade que, exterior embora à cátedra, continuaria, de facto, a exercer-se com as mesmas permante devoção e notável seriedade intelectual, os mesmos espírito de sacrifício e escrúpulo exemplar – agora devotados particularmente à promoção e seleção dos jovens valores universitários. São essas as características da ação do Professor Sarmento de Beires como Diretor do Centro de Estudos Matemáticos do Porto e da sua intervenção em múltiplos concursos para o preenchimento de posições vagas nas Secções de Matemática das universidades portuguesas – intervenção ativa em argumentações de teses e dissertações que o levaram a ocupar-se de capítulos modernos de Matemática pura, marcadamente afastados dos domínios em que se enquadrara o seu passado de docente de Matemáticas Aplicadas![10]”

“Proposta para atribuição do nome Sala Sarmento de Beires a uma sala da Faculdade de Ciências”

Faço-o com a viva emoção de quem, nessas mesmas salas, teve o privilégio de admirar as suas qualidades de sin-

[10] AA.VV. (1975). *Homenagem ao Professor Doutor R. Sarmento de Beires no seu jubileu*. Porto: Universidade do Porto, X.

gular professor, o raro brilho da sua exposição, ouvindo em 1929/30 um dos primeiros cursos por ele realizados nesta Escola – o segundo da sua cadeira de Mecânica Racional. De quem, trinta e seis anos depois, na véspera do jubileu do Professor Sarmento de Beires, assistiu à aula com que encerrou o seu último curso de Física Matemática. E ainda de quem, entre essas duas datas, jamais deixou de acompanhar, como aluno atento, um ensino que o Professor Sarmento de Beires soube erguer ao mais alto nível que a cadeira de Mecânica Racional alcançara sob a regência do seu Mestre, o Professor Duarte Leite. Aliás, a geração dos seus professores, com destaque para Duarte Leite, Pedro Teixeira, Luís Woohhouse e Gomes Teixeira, evocou-a o Professor Sarmento de Beires em termos que entendo ser pertinente evocar: "A todos podemos e devemos imitar, nos seus exemplos magníficos de integridade, de carácter, probidade, tolerância de espírito, grandeza moral e perseverança no trabalho".

Foi esta mensagem que se empenhou o Professor Sarmento de Beires em transmitir-nos, na sua constante fidelidade a um nobre conceito da missão de uma universidade. E não apenas no labor de um profissional distinto, na altura e prestígio dos seus cursos e no afã escrupuloso com que participou activamente na obra de renovação dos quadros da universidade portuguesa. Mas também quando, e perante a perseguição ou demissão de colegas seus, por motivos exclusivamente políticos, teve a coragem moral, correndo riscos e desafiando incompreensões, de lhes afirmar a sua solidariedade e de testemunhar publicamente, em sua defesa, nos tribunais políticos deste país[11].

[11] Texto dactilografado.

Testemunho de um episódio ocorrido há 67 anos com o Prof. Sarmento de Beires

Joaquim Máximo de Melo e Albuquerque de Moura Relvas

Engenheiro do Curso de Engenharia Eletrotécnica,
na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
1944/1945 - 1949/1950

Decorria o mês de setembro de 1950. Eram três horas da tarde. Eu encontrava-me, na ocasião, numa sala da Faculdade de Engenharia, então situada na Rua dos Bragas, aguardando que o Professor Sarmento de Beires acabasse de nos entregar, a mim e aos meus colegas de curso, as perguntas do teste escrito sobre sistemas de energia, que constituíam o exame final da cadeira então chamada "Correntes Fortes".

Quando o Professor Sarmento de Beires acabou de entregar o último enunciado, houve um aluno que perguntou:

— "Quanto tempo temos para fazer o teste?"

— "Têm a tarde inteira. Lembrem-se apenas de que tenho de ir jantar", respondeu o Professor.

Aquela resposta foi como se todos nós tivéssemos sido regados com um banho de tranquilidade, o que contribuiu para que a maioria dos estudantes ficasse dispensada da prova oral. E é assim que professores como este contribuem para o progresso do nosso ensino, contrariamente àqueles que dão aulas pensando apenas no salário do fim do mês.

Vila Nova de Gaia, 20 de fevereiro de 2017

Professor Doutor Rodrigo Sarmento de Beires – um Professor exemplar e marcante

Sérgio Machado dos Santos

Professor Emérito e Reitor Honorário da Universidade do Minho

É com enorme satisfação pessoal que me associo a esta iniciativa de homenagem ao Prof. Rodrigo Sarmento de Beires, promovida a propósito do centenário do seu doutoramento, o primeiro a realizar-se na Universidade do Porto.

Tive o prazer e o privilégio de ser aluno do Prof. Beires no ano letivo de 1964/65 enquanto discente do 3º ano do curso de Engenharia Eletrotécnica da Universidade do Porto. O curso tinha na altura a duração de seis anos, sendo os três primeiros ministrados integralmente na Faculdade de Ciências, no edifício dos Leões (Praça de Gomes Teixeira), onde funcionava igualmente a Reitoria, e os restantes na Faculdade de Engenharia, na Rua dos Bragas. A formação científica de base, cobrindo intensivamente as áreas da Matemática, Física, Química e Desenho, era de elevadíssima qualidade e muito exigente, ministrada por professores de grande craveira, muito dedicados, preparando os alunos com os conhecimentos estruturantes e as abordagens metodológicas imprescindíveis a uma verdadeira aprendizagem ao longo da vida. Os exames eram de grande rigor, incluindo extensas provas orais (entre uma hora e uma hora e meia) independentemente da classificação obtida na prova escrita. Nessas orais faziam-se demonstrações, interligavam-se conhecimentos e frequentemente os alunos eram confrontados com novos desafios (pelo menos aqueles que aspiravam a uma classificação elevada), não se limitando a uma mera reprodução dos conteúdos apresentados nas aulas.

Foi um grande privilégio, nesse contexto, ter aulas e estimulantes discussões com docentes tão prestigiados como os Professores Madureira, Moreira de Araújo, Pires de Carvalho, Jaime Rios de Sousa, Miranda, entre outros, e naturalmente o Prof. Sarmento de Beires. Considero que foi essa formação de base, essencial na formação de um engenheiro, que me preparou para assumir, sem receios de maior, as muitas facetas da vida profissional que tive oportunidade de viver – foi uma formação para a vida.

Na década de sessenta estávamos ainda longe da massificação no ensino superior. Fiz parte de uma coorte (de 1962/63 a 1967/68) de cerca de trinta alunos do Curso de Engenharia Eletrotécnica que vai comemorar no próximo ano os 50 anos de graduação. O 3º ano do curso era, de longe, o mais difícil, pela conjugação de duas disciplinas que eram lecionadas com profundidade e rigor científico exemplares – a Mecânica Racional, do Prof. Sarmento de Beires, e a Física Complementar, do Prof. Moreira de Araújo. Nesse ano perdi a maioria dos colegas de curso, que se transferiram para a Universidade de Coimbra para, seguindo uma prática que aparentemente já vinha de trás, irem fazer essas duas disciplinas, que seriam aí mais fáceis. Recuperei-os no ano seguinte, quando de novo se transferiram para o Porto. Dizia o Dr. Miranda (que era assistente do Prof. Beires e nos dava as aulas práticas de Mecânica Racional), com algum humor, que no 3º ano de Engenharia os "inteligentes" ficavam no Porto e os "espertos" iam para Coimbra. Refiro este episódio pelo que representa da qualidade científica destes dois docentes, que levavam os alunos a refletir e trabalhar em profundidade sobre as matérias que lecionavam, assumindo-se como verdadeiros "role models" para instilar nos seus estudantes o espírito científico que é basilar ao ensino universitário.

As aulas do Prof. Beires eram estimulantes, mas exigiam uma grande concentração porque ele manejava com mestria ferramentas complexas de análise matemática que os alunos não dominavam ainda com total segurança. Acontecia-me frequentemente acompanhar bem cerca de metade da aula e a partir daí concentrar-me em tirar notas detalhadas do que era escrito no quadro e das observações do professor. Posteriormente em casa, ao retomar essas notas, tinha a oportunidade de me aperceber que a clareza e lógica da exposição eram perfeitas e facilitavam o estudo e a assimilação de conceitos. Recordo que um problema clássico resolvido nas aulas teóricas, que implicava o estudo de um movimento com cinco graus de liberdade, era o movimento de um pião a rodopiar apoiado num plano inclinado. O Prof. Beires explanava-o com uma sequência tão lógica de pensamento que nos fazia sentir as leis da Física envolvidas. Essa sua preocupação com o raciocínio lógico e com o tentar fazer parecer fácil o que é efetivamente complexo foi o aspeto que mais me marcou e veio a influenciar a forma como mais tarde, como professor universitário, procurei transmitir ideias e conceitos aos meus estudantes.

O Prof. Beires jubilou-se em 1965, imediatamente antes da época de exames, pelo que tivemos que fazer o exame da disciplina com o Dr. Miranda. Não foi fácil, porque os dois tinham modos bastante diferentes de encarar as questões: ao pensamento lato e muito lógico do Prof. Beires, o Dr. Miranda contrapunha um

tratamento matemático rotineiro e muito detalhado, em que era fácil perdermo-nos nas minúcias dos cálculos e esquecer a visão global do problema. Mas, por outro lado, a forma como se complementavam foi, a meu ver, útil para os alunos. A prova oral, que durou cerca de duas horas, foi uma conversa interessante e algo acalorada, de que ainda retenho pormenores, em que eu me sentia mais próximo das ideias do regente da disciplina e as procurei defender, o que levou o Dr. Miranda a certo ponto a dizer-me: "não se irrite, senhor, eu sei que ele pensa assim". O "ele" era o Prof. Beires. Dadas as circunstâncias ainda sinto algum orgulho na classificação final de 18 valores que tive na disciplina.

A dedicação do Prof. Sarmento de Beires aos alunos era total, sempre pronto no final das aulas para dialogar ou esclarecer dúvidas. Tinha muito presente que estava a falar para futuros engenheiros, levava-nos a questionar os resultados e a ter sempre presente as ordens de grandeza expetáveis para adquirir segurança nos cálculos (então efetuados com a régua de cálculo, não havia ainda calculadoras eletrónicas e muito menos computadores). Alertava-nos para a importância da experiência acumulada e da sensibilidade do engenheiro para as soluções de engenharia, presenteando-nos com exemplos concretos da sua longa e rica experiência profissional. Esta sua capacidade de aliar o tratamento matemático abstrato e rigoroso com o pragmatismo da sua aplicação, que é dom reservado a uma minoria de docentes, foi aspeto que igualmente me marcou e influenciou.

É este o Professor e o Homem que relembro com emoção, carinho e gratidão pelo que contribuiu para a minha formação e para a minha afirmação profissional e como pessoa.

15 de abril de 2017

Homenagem a um grande mestre: Professor Sarmento de Beires

Estela Monteiro da Silva (Prêza)

Engenheira Química pela Universidade do Porto em 1949
Professora Coordenadora do Instituto Politéctnico do Porto - aposentada

Tive o privilégio de ser aluna do Prof. Doutor Rodrigo Sarmento de Beires na cadeira de Mecânica Racional, dos Preparatórios de Engenharia, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

O Prof. Sarmento de Beires foi um Professor insigne, rigoroso e exigente, mas justo. A sua dimensão humana revelava-se no contacto com os seus alunos.

Permitam-me e perdoem-me que eu neste momento recorde um episódio da minha vida, aparentemente muito banal. Preparava-me para o exame de Mecânica, marcado para a segunda época de exames, quando três dos irmãos de minha Mãe chegaram a Portugal, após longos anos no Brasil. Tinham um sonho: conhecer a sua Pátria. Meus Pais quiseram proporcionar-lhes a realização desse sonho e, por isso, projectaram uma viagem, que duraria cerca de um mês. Tomei conhecimento e, então, disse a meus Pais que esse tempo era fundamental para eu me preparar para o exame. Teria de ficar, porque não fazer a Mecânica implicava a perda de um ano, num curso então de seis anos. Foi-me dito, então, que a viagem seria triste sem mim e, por isso, todos decidiram que não se fizesse.

Acompanhei então a minha família. De regresso, senti a impossibilidade de adquirir a preparação necessária para o exame. Procurei então o Prof. Sarmento de Beires e, justificando, pedi o adiamento do exame. Foi-me respondido: "Não é crime querer dar uma alegria aos Pais e a uns Tios tantos anos ausentes". O Prof. Sarmento de Beires adiou o exame. O conhecimento desta decisão trouxe alegria e um dia muito feliz a todos nós, a par dum grande e comovido agradecimento.

Só limitações muito grandes associadas à minha saúde me impedem de estar presente na exposição sobre o Prof. Sarmento de Beires, no centenário do seu Doutoramento, que também foi o primeiro Doutoramento realizado na Universidade do Porto. Estarei presente em pensamento e com o coração.

Com emoção, vou tentar transmitir o testemunho de meu Marido, Raúl Prêza, como antigo aluno do Senhor Professor e como seu colaborador, quando engenheiro na Hidroeléctrica do Douro. Meu Marido destacava a inteligência, competência e integridade que no Prof. Sarmento de Beires, quer como Professor quer como Administrador da Hidroeléctrica do Douro, conviviam com a qualidade humana de disponibilidade para solucionar situações pessoais e frequentemente delicadas dos seus colaboradores. Se fosse vivo, estaria presente com enorme admiração e afecto nesta efeméride.

Lembranças do Professor Sarmento de Beires

Rosália Teixeira

(Curso de Físico-Químicas da Universidade de Ciências do Porto 1947/1948-1951/1952)
Administradora da Porto Editora S.A.

Fui aluna do Professor Doutor Sarmento de Beires.

Confesso que lhe tinha "medo", pela fama de exigência e da dificuldade de tirar notas altas com ele. Mas, como não queria ir para Coimbra, arrisquei fazer Mecânica no Porto.

Na altura do exame modifiquei a impressão que tinha do Professor, que todos consideravam competentíssimo, mas difícil de contentar no exame.

Passou-se comigo um facto que não posso deixar de relatar, nem esquecer.

Fiz a prova escrita razoavelmente e, na oral, tal era o "terror" que tinha, parece que às primeiras perguntas só respondi "tolices". O Professor Beires parou o exame e trocou impressões com o membro do júri, o Professor Miranda, que tinha sido meu assistente. Depois da troca de impressões recomeçou o interrogatório. Mais calma com a interrupção, fui respondendo ao que me perguntava e pareceu-me que estava a ficar satisfeito. No fim do exame, o Professor Beires disse-me:

"A Senhora pode agradecer a sua passagem no exame ao Professor Miranda, que me informou estar admirado com as tolices com que respondeu na primeira parte. A seu pedido continuei o exame e a Senhora passou a responder bem. Voltei a fazer-lhe as perguntas iniciais e as suas respostas foram as certas. Por isso a sua cadeira de Mecânica ficou feita".

Mais tarde, como o meu marido, Vasco Teixeira, era Professor de Química na Faculdade de Ciências e, portanto, contactava bastante com o Professor Sarmento Beires, tive o prazer de o ouvir elogiar-me por ser licenciada pelo Porto, embora com nota a Mecânica mais baixa do que as minhas colegas que tinham ido para Coimbra.

Afinal o "medo" que os alunos tinham dele não era totalmente justificado.

Também era humano..., mas muito exigente. Tenho das suas aulas boas recordações e muita consideração pela sua memória.

Porto, 09 de maio de 2017

Recordando Rodrigo Sarmento de Beires

Francisco Vaz

Professor Catedrático aposentado da Universidade de Aveiro

Quando frequentei, na Universidade do Porto, o curso de Engenharia Eletrotécnica, a estrutura curricular de todas as licenciaturas em engenharia estava repartida em duas partes: os primeiros três anos na Faculdadede Ciências (FC) e os últimos três na Faculdade de Engenharia. Os primeiros anos, que então se designavam por "preparatórios" cobriam as áreas básicas da Matemática e Física, essenciais para uma formação em engenharia. Entre as disciplinas que frequentei estava a famosa Mecânica Racional lecionada pelo Profesor Sarmento de Beires. E era de facto famosa! Considerada a mais difícil cadeira de todo o curso, fazia com que uma elevada percentagem dos alunos do terceiro ano (e último na FC) fossem frequentar a Universidade de Coimbra, para evitarem algum dissabor na Mecânica Racional.

Fui um dos que optaram por fazer o terceiro ano na FCUP e, portanto, no ano letivo de 1964-65, pertenci ao grupo de alunos inscritos em Mecânica Racional e me tornei aluno do Professor Sarmento de Beires. Sem o saber no início do ano letivo, fui um dos seus últimos alunos, já que se jubilou em junho de 1965.

O que encontrei? Uma cadeira muito interessante e um grande professor.

A matéria que incluia era vasta, mas muito bem estruturada. Ainda tenho nos meus arquivos as notas que tirei de grande parte das aulas e que, para escrever estas linhas, fui folhear. E mais uma vez fiquei impressionado com o rigor e a profundidade com que os assuntos eram tratados. Lá estava a cinemática e todos os tipos de movimento, a dinâmica que, a partir do seu axioma fundamental, nos foi conduzindo às suas várias formulações deixando-nos, com as equações de Hamilton, no limiar da teoria quântica. Mas também foi tratado de uma forma clara e simples o problema do movimento relativo de referenciais de inércia e introduzidas as ideias fundamentais da teoria da relatividade restrita. E não posso esquecer o estudo feito sobre o movimento giroscópico, a discussão detalhada das equações que o regem.

Mas clareza não significava facilidade. Apenas nos mostrava e descrevia os problemas que, para serem verdadeiramente compreendidos, obrigavam a muito trabalho, a muitas horas de estudo e reflexão. A estrutura da disciplina levava-nos a pensar e a ordenar as nossas ideias sobre as matérias versadas.

Na minha carreira profissional como professor universitário ou como engenheiro, usei raramente os conhecimentos adquiridos na Mecânica Racional, mas não tenho qualquer dúvida em afirmar que teve uma profunda influência na minha maneira de pensar, usar e apresentar os temas científicos e técnicos da minha área.

Quanto ao professor, devo começar por recordar que as aulas que tive com o Professor Sarmento de Beires foram sempre no início da tarde, hora em geral propícia a alguma sonolência, consequência da refeição ainda próxima. Mas com este professor tal não me acontecia! O interesse das matérias, que já referi, e, sobretudo, o desempenho do próprio professor, faziam a diferença. Recordo a figura alta e magra do Professor Sarmento de Beires, sempre cuidadosamente vestido, com uma voz pausada e sonora, deslocando-se diante do quadro negro, apresentando sem hesitações a sua lição e preenchendo com uma velocidade notável o quadro com inúmeras equações e figuras. Ao fim, compreendia-se que tudo o que estava escrito no quadro estava estruturado e tinha, com certeza, sido bem preparado e pensado. Algo que não posso esquecer é a notável precisão com que traçava circunferências que pareciam ter sido obtidas com um compasso!

Na época e na FC, as relações entre professores e alunos eram um pouco distantes. Apenas tive uns quantos curtos diálogos com ele, no fim das aulas, em que se mostrava sempre disponível para resolver as dúvidas que lhe apresentávamos.

Recordo, finalmente, que assisti à sua última aula em Maio de 1965 onde, com o seu brilhantismo habitual, expôs alguns exemplos de aplicação das suas matérias de sempre.

Tive assim a oportunidade de ter conhecido um grande professor e suponho ter aproveitado muito dos seus ensinamentos.

29 de março de 2017

Rodrigo
Sarmento
de Beires

BIOGRAFIA

ABREVIADA

Nasceu em Lisboa no dia 16 de junho de 1885.

Órfão de mãe aos seis meses, vem para o Porto, aos cuidados de uma tia, Maria Amélia de Beires. Aqui frequentou, entre 1904 e 1906, o Liceu Central do Porto, sendo posteriormente transferido para o Colégio Militar, onde, em 1911, termina o 7.º ano de Ciências com a classificação final de 20 valores.

Nesse mesmo ano regressa ao Porto e inscreve-se na Faculdade de Ciências da recém-criada Universidade do Porto, onde em 1915 termina o 1º curso de Bacharelato em Ciências Matemáticas, com a média final de 18 valores. Foi o primeiro aluno a receber o Prémio Gomes Teixeira, que lhe foi atribuído pelo Conselho Escolar em 1915, ano em que foi nomeado 1.º Assistente Provisório do 2.º Grupo da 1.ª Secção da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Realizou o primeiro Doutoramento da Universidade do Porto em 20 de junho de 1917, ao doutorar-se em Ciências Matemáticas com a classificação de 19 valores.

Em outubro de 1920, ausenta-se do país "sem encargo para o Estado", para se inscrever na Faculdade Técnica da Universidade de Liège (Bélgica), onde obteve o diploma de Engenheiro Electrotécnico, em 10 de agosto de 1922, "com a maior distinção e as felicitações do júri".

Regressa à Universidade do Porto em janeiro de 1923 sendo então incumbido da regência do curso de Mecânica Celeste. É nomeado Professor Catedrático do 2º Grupo (Mecânica e Astronomia) da Faculdade de Ciências, em agosto de 1927, ficando com a regência da cadeira de Mecânica Racional, que assegurará até à sua jubilação em 1965. Assegurou ainda a regência da cadeira de Aplicações de Electricidade (correntes fortes) na Faculdade de

Engenharia da UP de 1946 a 1961, além de várias outras cadeiras, sempre que necessário. Na Faculdade de Ciências desempenhou, a partir de 1956, o cargo de Diretor do Centro de Estudos Matemáticos.

Entre 1959 e 1963 integrou a Comissão para a Reforma das Faculdades de Ciências, de que resultou uma clara modernização dos seus *curricula*.

Foi Vice-reitor da Universidade do Porto entre 1961 e 1965, sendo Reitor o Prof. Manuel Corrêa de Barros. Em 26 de maio de 1965 profere a sua última aula de Mecânica Racional, ocorrendo a sua jubilação no final desse ano letivo.

Para além da sua muito relevante atividade académica durante quase cinquenta anos, Rodrigo Sarmento de Beires destacou-se ainda como Engenheiro, em funções relacionadas com a definição e a execução da Electrificação Nacional.

Assumiu diversas tarefas e importantes cargos, como, por exemplo, os de:

• Vogal do Conselho Superior de Obras Públicas e do Conselho Superior de Eletricidade.
• Procurador à Câmara Corporativa como representante dos produtores de energia elétrica, sendo relator do Parecer sobre o Projeto de Lei da Eletrificação Nacional (1944).
• Engenheiro Chefe da Central de Massarelos, da empresa Companhia Carris de Ferro do Porto (1924 a 1946).
• Engenheiro Chefe de Serviço na empresa Hidroelétrica do Cávado (1947 a 1953).
• Vogal do Conselho de Administração da Hidroelétrica do Douro (1953 a 1969).

Faleceu no Porto, a 21 de julho de 1975.

Setembro, 2017

U.PORTO